

ASSIGNATURAS	
ANNO.	20\$000
SEMESTRE.....	12\$000

Numero avulso, 500 rs.

OS ANNAES

Escritorio e Officinas
25, RUA DE S. JOSÉ, 25
APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

Apezar das tranquiernas, das vergonhosas trapaças, das violencias que, em alguns Estados e no Districto Federal, emporcalharam o processo das qualificações, os resultados da sabia e fecunda lei, como lhe chamam em Pernambuco, devem ser apreciados como um movimento auspicioso para a regeneração dos nossos degradados costumes politicos.

Os resultados demonstraram que, onde não se empregaram barbaros meios de asphyxia, a opinião se manifestou com estranho vigor, como si um largo periodo de oppressão lhe houvesse crystallizado a fé e as energias civicas.

Os resultados demonstraram de maneira inilludivel que, no regimen presidencial, como nós o comprehendemos e applicamos, todo o poder se concentra no chefe do Estado, no Governo Federal, onde se polarizam todas as forças propulsoras do organismo nacional. E por isso elle é o responsavel, — por omissão, por preguiça, por amor ao socego e outras coisas agradaveis ao egoismo dos grandes, dos omnipotentes, — de todas as perturbações que nos teem desviado do verdadeiro culto da democracia, da orientação indicada ás suas legitimas conquistas.

Demonstraram mais os resultados das urnas a falta de crença, a falta de convicção, a carencia completa de um plano de acção dos proceres, dos directores das maiorias, animadas e mantidas pela maravilhosa nutrição do prestigio official, empenhadas exclusivamente na manutenção, na perpetuação das posições preponderantes e rendosas.

O voto cumulativo, nos Estados onde foi possivel apural-o livremente, se tornou um poderoso instrumento das influencias locaes, das ambições pes-

soaes ; dissolveu, dispersou as aggremações rotuladas com o pomposo titulo de partidos, provando que ellas não constituíam commhões solidas, não eram producto de adhesões sinceras aos mesmos principios, aos mesmos impulsos patrioticos, sinão agrupamentos vinculados pelos interesses subalternos de um servilismo sem fidelidade.

Como votou criteriosamente um collega da imprensa carioca, as surpresas, as negaças, os absurdos da apuração do voto cumulativo trouxeram á luz, no scenario politico, vencedores que nenhuma significação teem para a solução dos graves, dos urgentes problemas sociaes em fóco. Não se sabe si elles teem um programma, não se lhes conhecem as opiniões, nem a direcção do seu esforço nos trabalhos do futuro Congresso, onde elles se confundirão numa massa amorpha, sem traço caracteristico, passiva, obediente, disciplinada á vontade do sr. Affonso Penna, com a mesma passividade inerte dos anteriores representantes da nação ao mando do sr. Campos Salles e ao macio cabresto com que o sr. Rodrigues Alves os enfeitou.

Um exame perfunctorio das consequencias do pleito, na arena proxima, demonstra o nosso acerto. Nella surgem, aureolados pela victoria, o nosso amigo Jurumenha, extranha figura de tosco cearense do Crato, transplantado para S. Gonçalo, no Estado do Rio, um vencedor sem bandeira, que elle jámais desfraldou nos inexoraveis discursos proferidos na Assembléa estadual. Ninguém sabe como o Jurumenha entende a Republica, nem a sua maneira de applicar as instituições democraticas. Póde-se, todavia, afirmar que não cairá na tolice de independencia, que nada rende : será um fervoroso, um dedicadissimo amigo do Governo.

Aqui, na Capital, medraram candidaturas que nada symbolizavam. O

sorridente sr. Mello Mattos, cuja victoria foi na verdade estrondosa como resultado de um movimento de reacção contra a má vontade de um ministro, não foi eleito por um partido organizado em torno de determinadas idéas, mesmo porque elle não é um politico de fórmula definitiva, embóra seja uma figura de merecimento incontestavel, como attestaram os dedicados combates da sua palavra na Camara, como o mais esforçado paladino do sr. Seabra. O sr. Irinen Machado foi sempre um franco atirador, que representa um grupo de fieis amigos pessoas, dispostos a tudo, para o que der e vier, amigos que não constituem um partido, grupo de affectuosos camaradas que o elegerão sempre, quaesquer que sejam as situações, quaesquer que sejam as attitudes do querido candidato nas lides parlamentares, onde elle conquistou legitimos fóros de orador muito apreciado nas questões que estuda. O amavel, o elegante Heredia tambem não representa um partido, tão pouco representa idéas ou preocupações pela orientação da politica geral. Elle é candidato do Districto Federal. De vez em quando, aventura um discursinho muito timido, muito de meia sóla, sobre materia de interesse particularmente local e, no paroxismo das sessões, se empenha com ternuras sollicitas pela sorte dos funcionarios publicos, que elle considera humildes servidores da nação muito mal recompensados. E assim os outros, figuras meio apagadas, sem expressão propria, mudando de aspecto conforme as projecções da luz que as põe em evidencia : todas ellas destinadas a desaparecerem ingloriamente no implacavel nivelamento da unanimidade do apoio incondicional.

Como honrosissima excepção, o sr. Barbosa Lima emerge representando uma brilhante victoria da opinião que ratificou eloquentemente a sua attitude na Camara, respondendo ás vi-

brações da sua palavra patriótica com uma espontanea acclamação.

Esta victoria, por si só basta, para affirmar que a opinião estava asphyxiada, comprimida, mas não estava morta; que não está perdida a esperança de se corporizarem, em torno de um nucleo vigoroso, todas as energias valiosas, dispersadas pelas desillusões contínuas, para reprehenderem a réforma dos costumes e realizarem o idéal das aspirações democraticas.

Quanto ao segundo districto, prepondera, como dominador ineluctavel, eleito para o Senado, o dr. Vasconcellos, cujas idéas não são conhecidas porque elle se manteve sempre fechado hemerticamente na concha de um silencio precioso; nunca abriu o bico para dizer porque, nem para que, accumulava ás suas funcções de celebre hygienista municipal, as de representante da nação, investidura que é para elle, para esse pacato chefe, um entranhado habito, uma diversão, um gozo, um *sport* inoffensivo, mais facil ainda que o de fazer rapaduras...

Si o nosso olhar se dilatar para os Estados, deparam-se-nos outras victorias expressivas, naquelles em que os governadores se conformaram com o pensamento da lei, de conceder a esmola de representação ás minorias. E devemos mencionar, para honra e gloria de chefes como o sr. Benedicto Leite, Borges de Medeiros, Francisco Salles, Tibiriçá, chefes de Estados onde ha opposições organisadas, a correcção de conducta no recente pleito eleitoral.

Apreciado em conjuncto o resultado das urnas, surge como sinistra, como vergonhosa excepção odiosissima, a eleição do desditoso Estado do Ceará, onde a olygarchia accyolina insistiu nos seus processos fraudulentos, desde a qualificação até á organização das mezas eleitoraes feitas a dedo, em obediencia ao capricho eleitoral do fecundo pagé, chefe de dynastia, que se diz triumphante pela exclusão de mais de quatro mil eleitores da opposição trucida pela junta de recursos, em permanente funcção até á bocca das urnas.

Basta examinar a chapa do governo cearense para verificar que elle teve o paternal cuidado de distribuir systematicamente a votação, de maneira que os filhotes e capangas ficassem

preservados das possiveis surpresas de contestações na ultima instancia do pleito. Os candidatos João Cordeiro e Thomaz Cavalcante occuparam o quinto logar nos respectivos districtos.

Os conductores de boiadas, nos brejaes do Pianhy, quando teem de atravessar aguas infestadas de sucujús, collocam na frente do magote os bois de refugio, bois magros, imprestaveis, immolados á voracidade das monstruosas serpentes para que os outros passem incolumes.

O nosso amigo João Cordeiro, arredado da curul no Senado para accomodar um illustre genro do sr. Accioly; o sr. Thomaz Cavalcante, destacado para se caricaturar em representante da minoria como partidario das idéas revisionistas do sr. Lauro Sodré, figuram no magote da chapa como bois de refugio para serem sacrificados na verificação de poderes. Não pôde haver prova mais concludente da fraude, das actas forjadas com a segurança mathematica do bico de penna.

E' consolador esperar que um generoso impulso de decoro liberte a futura Camara do vilipendio desses e de outros monstruosos productos da fraude desbragada, da fraude torpe, de immortal cynismo.

POJUCAN.

Uma supposta theoria nova da historia latino-americana

Em 1884, sob a direcção do genial Bismarck, foi iniciada definitivamente a carreira official da Allemanha como fundadora de colonias no ultra-mar.

Por esse tempo, tinha escripto um official do exercito allemão — Adolph von Conring, em seu livro de propaganda—*Marrocos, seu Territorio, seus Habitantes*: «Não existe potencia maritima sem colonias; ora, a Allemanha já é, e pretende sel-o cada vez mais, uma grande potencia maritima. A Allemanha espalha, sem proveito para si propria, o excesso de sua população pelo mundo inteiro; depende de nós, allemães, conservar para o nosso paiz suas forças vivas, dirigindo a emigração para regiões que fiquem sujeitas ás nossas leis e á nossa protecção. Ha, para isto, logar na Africa, nas ilhas da Oceania e na America do Sul.»

E... note-se bem, na — *America do Sul* (!)

Onde? *No Brazil e na Patagonia* (!!)

Eram os dois pontos indicados.

Prepararam-se mappas de todas as regiões da Terra, onde se poderiam, como donos, estabelecer os allemães.

Por isto é que, começada a faina, se apoderaram elles das terras que encontraram desoccupadas n'Africa e na Oceania.

Pelo que toca á America do Sul, chegon-se a pensar muito seriamente num golpe de audacia contra a Patagonia, cuja posse pela Argentina ou pelo Chile andava ainda em litigio; e, quanto ao Brazil, immensa foi a agitação das *associações de emigração e commercio* n'Allemanha, com *repercussão nas colonias do sul*.

Só uma coisa nos salvou então, está salvando ainda agóra e salvará no futuro, até certo tempo: A DOCTRINA DE MONROE, o receio de uma complicação possível com os Estados-Unidos.

Por isto, custa-se a conter a indignação quando se vê a inconsciente ingratição do mestiço ibero-americano chasquear levianamente da *doctrina de Monroe*, a que devemos ter escapado da conquista allemã em terras do sul.

O Chile e a Argentina, mais habeis do que nós, trataram logo de fechar a porta da Patagonia, dividindo-a entre si. De incursões em qualquer outro ponto de seus territorios estão livres; porque lá não existem zonas onde os *teutos* sejam senhores, onde *só se fale a lingua allemã*.

Diversa é a situação do Brazil, no qual o processo de desagregação váe ser dirigido habilmente, com alguma demora; mas infallivelmente seguro.

Quando, pois, ha poucos dias, os jornaes falaram do *dito* de um diplomata russo que havia affirmado ter visto no estado-maior, em Berlim, *um mappa do Brazil em que estão assignaladas as regiões que apresentam a possibilidade de ser incorporadas á soberania allemã*, não avançaram nada de novo...

Repetiram verdade conhecida por quem vem acompanhando esta questão de annos para cá.

Os amantes e colleccionadores de papeis velhos devem ter em mão varios documentos sobre o assumpto.

Os mesmos telegrammas recentissimos falaram tambem do discurso feito por um allemão de nome Arendt, ex-general do exercito, que esteve contractado em Buenos-Aires, e foi dispensado da sua commissão, por motivo moral, pelo general Roca, quando presidente dessa Republica. Nesse discurso, o referido Arendt chamou a atenção de seus compatriotas para a *facilidade de colonizarem a Patagonia*, conservando os colonos as suas *tradições, costumes e sentimento nacional*, contrariamente ao que succedeu no Canadá, onde, na segunda geração de descendencia allemã, se observa uma

identificação completa com o ambiente local e a perda de todos os característicos de origem. *El Tiempo*, de Buenos-Aires, de 12 de janeiro ultimo, commentando a affirmativa do diplomata russo sobre o Brazil e as declarações de Arendt ácerca da Patagonia, diz que merecem toda a fé, porquanto o principe de Bismarck, quando chefiou a chancellaria allemã, teve os olhos postos constantemente naquellas terras, e disso dão testemunho irrefragavel as notas enviadas ao governo argentino por Carlos Calvo, representante, então, da Republica junto ao governo imperial. (*Jornal do Commercio*, de 11 e 13 de janeiro de 1906).

O diplomata russo disse o que viu; e Arendt repete ainda hoje o que se falava na Allemanha, com insistencia, de 1884 ou annos proximoamente anteriores até 1888 e annos subsequentes.

Eis aqui alguns papeis velhòs, que provam a excitação existente n'Allemanha naquelle tempo, e cuja noticia chegou até nós:

«A Allemanha, doida por arranjar colonias, annexou, diz um telegramma de Londres, os territorios do sudoeste da Patagonia, tomando posse delles na devida fórma, devendo brevemente ser expedidas as respectivas communições ás outras nações.

Ora, si o diabo se metter de per-meio, bem pôde isto dar uma segunda edição das Carolinas.»

(*Gazeta de Noticias*, de 18 de setembro de 1886.)

Era na phase aguda do furor de Bismarck atrás de colonias.

Tinha posto a mão nas *Ilhas Carolinas*, abandonadas depois de uma barulheira diabolica dos hespanhões, renuncia, porém, só feita após laudo do papa, que decidiu a questão a favor dos antigos descobridores das referidas ilhas.

Chegou-se a acreditar que tinham os allemães declarado a tomada de posse da Patagonia.

Na mesma folha, na *Gazeta de Noticias*, de 12 de dezembro de 1885, está para ler-se um artigo intitulado — *Os sr. de Bismarck e o Brazil*, e é como segue:

«Ha dias transcrevemos um artigo da *Gazeta de Campinas*, que commentava um outro do *Matin*, de Paris, que fazia graves considerações sobre a politica colonizadora do grande chancellier allemão.

Hoje pedimos venia para transcrever, do correspondente de Berlim para o *Jornal do Commercio*, a parte relativa a esse assumpto, de tão vital interesse para nós.

Diz o correspondente:

«A associação colonial allemã *Deutsche Colonialverein*, como conclusão dos inqueritos e explorações por ella subvencionados na America, resolveu

fundar uma *Sociedade de Colonização para a America do Sul*, cujo fim seria encaminhar a emigração allemã para terras onde haja condições e perspectivas, tanto de prosperidade para o lavrador, como de preservação do caracter nacional allemão (*Deutschtum*).

Numa circular assignada por varias pessoas, entre as quaes avulta o nome do deputado Spielberg, de cujas explorações e visitas ás colonias allemães no Brazil o *Jornal do Commercio* tem dado conta por varias vezes, vêem recommendados os Estados do Prata e a porção extratropical do Brazil.

— «Esses territorios offerecem espaço sufficiente — diz a circular que estou traduzindo litteralmente — para receber toda a emigração allemã na sua importancia actual, por um periodo de tempo superior a um seculo. Tem effectivamente uma superficie dez vezes maior do que a do imperio allemão, e a densidade da população não chega á oitava parte da da nossa patria.

«Em particular, o sul do Brazil torna possivel e garante a preservação da lingua, costumes e educação allemães, visto como a sua população é muito pouco numerosa e illustrada, para poder desviar a emigração allemã da sua nacionalidade, ao mesmo tempo que o elemento allemão já tem adquirido ahi uma poderosa situação. De facto, os 250.000 allemães que actualmente residem nas provincias meridionaes do Brazil, conservaram-se até hoje allemães, contraste agradavel com os nossos patricios na America do Norte, que rapidamente succumbem á superioridade do anglo-saxonismo».

Continúa a dita circular do seguinte modo:

«No sul do Brazil encontra a prosperidade do emigrante uma garantia no facto de alli ser temperado e salubre o clima e fecundo o sólo, de existirem ferro-vias faceis de estender e prolongar, rios navegaveis, além de que não ha necessidade de combater os indigenas, e a proximidade do litoral facilita o commercio com o mundo inteiro e torna possiveis todas as transacções.»

A *Gazeta de Colonia*, reproduzindo a circular, acrescenta que o interesse nacional do povo allemão exige, com urgencia, que se desvie para a America do Sul a larga corrente da emigração allemã que vá para a America do Norte. Ahi, com effeito, esta corrente priva o germanismo (*Deutschtum*) de massas poderosas fortalecendo outra nacionalidade; aqui, (no Brazil) ella conquista para o typo allemão novo campo, que offerece á mãe patria importantes vantagens.

«O commercio e industria da nossa patria hão de auferir dahi immensos proveitos. E' preciso, portanto, que o

emigrante allemão encontre nas partes indigitadas da America do Sul condições tão favoraveis para o seu estabelecimento, como as poderia ter na America do Norte. Convém, pois, formar uma sociedade financeira, que, depois de minuciosas indagações, faça em larga escala aquisição de terras apropriadas, etc. etc.

A provincia de Santa Catharina é a a que parece, sobretudo, chamar a attenção do *Colonialverein*.

Fundou-se uma sociedade com o capital de 1.000.000 de marcos (cerca de 650 contos), dividido em 1.000 acções de 1.000 marcos, subscrevendo a secção berlineza do *Colonialverein* uma quantia avultada.

Ante-hontem (4 de setembro), teve lugar em Dusseidorf uma importante reunião da associação, na qual fôram approvados os planos acima mencionados, assim como a nomeação de uma commissão encarregada de visitar o Brazil.»

Noticias como estas andam nas folhas do tempo esparsas ás duzias.

Conhecedores do risco a correr com o levantar no mundo um enormissimo alvoroço, si ouzassem tratar terras americanas como fizeram ás costas d'Africa e de Nova-Guiné, receiosos dum conflicto armado com os Estados-Unidos, que teriam a seu lado provavelmente a Inglaterra e a França, deixaram o plano da conquista directa do sul do Brazil, mudaram de tactica, contentando-se, por enquanto, com a expansão do *Deutschtum*, com a formação dum *Brazil Germanico* ou duma — *Allemanha Antartica*, que vem a ser a mesma coisa.

Neste sentido, a propaganda nos ultimos vinte annos tem sido duma tenacidade, como só elles sabem empregar. Os esforços despendidos são extraordinarios e os resultados que vão obtendo esplendidos.

Si a propaganda em prol do *allemanismo*, do famoso *Deutschtum*, é feita com tanto calor, com tanta intrepidez em paizes, nos quaes os allemães contam apenas grupos de compatriotas esparsos e prestes a serem assimilados, que não será em regiões, como o Brazil, onde elles acham o terreno preparado por grupos compactos, que formam colonias cheias de cidades e villas puramente germanicas?

Para se comprehender o que é ella no mundo em geral e peculiarmente no caso singularissimo do Brazil, eis aqui algumas palavras de Henri Renou no *Européen*, segundo a versão do *Jornal do Commercio*, de 5 de agosto de 1904:

« — Pelo transbordamento da sua população, pela importancia do seu commercio de além-mar, a Allemanha merece ser estudada nos incansaveis

esforços que emprega para desenvolver em todo o Universo o que ella chama o *Deutschum*, isto é, os interesses e a fortuna allemães. O exito verdadeiramente maravilhoso desse empreendimento, sobretudo nos ultimos quinze annos, pôde ser attribuido á creação e ao funcionamento de uma associação que estende as suas raizes a todas as camadas da sociedade allemã e alastra os seus ramos pelo mundo inteiro, a *Allgemeiner deutsche Schulverein*. Não sómente essa associação se encarregou de conservar entre os nacionaes estabelecidos no estrangeiro e entre os seus filhos, os costumes e o idioma allemães, mas ainda se faz considerar um instrumento da cultura intellectual allemã e da producção industrial allemã.

Em 1881, fôram as bases da «Associação de Protecção Nacional» assentadas por patriotas conhecidos, taes como Mommsen, Gneist, Brunner, Boch e tantos outros. Em dezembro desse mesmo anno, realizou-se em Berlim a primeira assembléa geral e logo se procedeu á completa organização da Associação, que logo começou a funcionar. O theatro da sua actividade ia ser a terra inteira; e se ella a si mesma se prohibia qualquer acção politica ou religiosa, em compensação, fazia appello a todos, homens, mulheres e creanças, para levantarem bem alto o bom renome da Allemanha, para conservar e espalhar a sua lingua, para affirmar prudentemente, mas com tenacidade, a excellencia da producção allemã.

Na Allemanha, os grupos locais, as ligas regionaes estão sob a direcção da commissão geral de Berlim, presidida pelo embaixador imperial von Braunschweig. Todos os membros dessa commissão são altas personagens da administração imperial, da armada, das letras, da industria e do commercio. A Associação dispõe hoje de um capital já consideravel, producto de cotisações e de depositos excepçionaes. Além do auxilio pecuniario, os membros da Associação prestam-se apoio em todas as circumstancias, ainda que a maior parte só se conheçam de ver os seus nomes nas listas da Associação. De todos os pontos do mundo, se trocam informações por meio de uma correspondencia muito activa, facilitada pelas agencias consulares do imperio, cujo primeiro dever é procurar de qualquer procedencia allemã as informações que lhe possam ser uteis no estrangeiro, *correndo estas despezas por conta da chancellaria allemã*. Além disso, num periodico, dos muitos que a Associação redige, *Das Handebuch des Deutschums im Ausland*, põe os associados ao corrente de tudo o que lhes pôde e deve interessar, do ponto de vista do

progresso da influencia allemã no estrangeiro. Percorrendo esse periodico, que é o principal órgão do *Deutschum*, encontram-se dados bem eloquentes e suggestivos ácerca da expansão que a ambição germanica alcançou em todos os pontos do Globo.

Doze millhões de vassallos do rei Guilherme estão estabelecidos além-mar, onze milhões dos quaes habitam os Estados-Unidos. E' neste paiz que a missão da Associação se torna mais ardua para manter em espirito e de facto o character allemão nos emigrados. E' com effeito, sabido que, da segunda geração em deante, elles perdiam a noção da sua origem e se confundiam na massa da nação *yankee*. Para reagir contra esse prejuizo do *Deutschum*, tem a Associação de defeza dos interesses allemães empregado todos os meios. Relações pessoais, cartas, tenaz e energica propaganda, de tudo se lançou mão e, em pouco, fôram excellentes os resultados obtidos. Jornaes em lingua allemã, «casas allemãs», *clubs* muito praticos em que se reúnem todas as commodidades, quer para o habitante, quer para o fbrasteiro, associações de *sport*, mundanas, de toda a natureza, emfim, teem mantido estreitamente as relações entre os allemães dos Estados-Unidos e os seus compatriotas da Europa.

Em S. Francisco, as estatuas de Goethe e de Schiller, erigidas nos graciosos terraços que descem sobre as ondas do oceano, que igualmente banha as costas da China e do Japão, mostram como a cultura e influencia allemãs tomaram na capital occidental dos Estados-Unidos um logar predominante. Na America do Sul, seiscentos mil allemães conservam religiosamente a sua nacionalidade. *No Brazil, ha cidades quasi inteiramente allemães e tendo á volta numerosas povoações que constituem verdadeiras colonias.*

Por estas palavras tem-se á vista um quadro rapido e seguro da amplidão e da segurança do systema. Vê-se a téla geral e o ponto nella occupado, de modo singular, pelo nosso querido Brazil.

O *Deutschum* é pelo mundo em fóra uma aspiração, ouzada sem duvida, mas irrealisavel no sentido politico, ao que se pôde suppor; no Brazil, infelizmente para o nosso ponto de vista nacional, *elle é uma realidade...*

Cresce todos os dias e ha de chegar, não muito longe, a ser ameaçador.

Niuguem se illuda com as blandicias e negativas da diplomacia.

A realidade não são as palavras doces do governo allemão, habil em contemporizar, esperando o momento azado; a realidade são os desaforos da *Panther*, são os emissarios despa-

chados para as colonias, quasi todos os annos, para animar os patricios, que devem crescer e proliferar, até chegar a occasião de se fundar o *Novo Estado*, na phrase de meu amigo Koseritz.

Amicus Plato, sed magis amica veritas, silicet, Patria!

Dando conta dos progressos do germanismo no sul brasileiro — o citado *Européen*, de 21 de janeiro do anno passado, inseriu artigo, do qual convém citar algumas palavras, segundo a traducção do *Jornal do Commercio*, de 18 de fevereiro do alludido anno:

«Os escriptores coloniaes de além-Rheno procuram despertar o interesse da parte illustrada do publico e do governo em favor do grande numero de allemães residentes no sul do Brazil.

Por muito tempo, bem pouca attenção se prestou a essas comunidades longinquoas, que se consideravam como perdidas para a mãe-patria. Entretanto, importantes colonias germanicas conseguiram formar-se no Brazil meridional e, differentemente de todas, que se espalharam nos Estados-Unidos e na Australia,—sabe-se que estas ultimas se deixam promptamente assimilar; *ellas teem mantido até aqui, de modo notavel, a sua originalidade*. As colonias ruraes conservam o seu character distincto, principalmente as que se estendem na vertente da Serra Geral.

A lingua allemã, na qual se introduziram alguns termos portuguezes, é a unica uzada, e as mais das vezes a unica comprehendida.

Ella se impoz aos proprios brasileiros, e até aos pretos, que se misturaram com a população immigrada.

E' sómente nas tres provincias (hoje deve-se dizer nos tres Estados) do sul do Brazil: Paraná, Santa Catharina e Rio Grande do Sul, que os allemães teem fundado estabelecimentos agricolas duraveis.

Numerosas colonias allemãs espalham-se hoje pelo territorio oriental da parte sul do Brazil, desde os arredores de Curityba, capital do Paraná, até o município de Pelotas. Entre Mundo Novo e Santa Maria, ellas formam, em uma extensão de 300 kilometros, uma cadeia muito ligada. Estão, na sua maior parte, situadas sobre os declives da Serra Geral, reverso oriental e meridional do vasto planalto, que, tendo voltada para o Atlantico a sua maior altura, se inclina, na direcção do oeste até os valles do Paraná e do Uruguay.

Compreende no todo, com o accrescimento fornecido pelas cidades visinhas, 300 a 350 mil allemães, dos quaes 50 mil no Paraná, 100 mil em Santa Catharina, e 150 a 200 mil (estes ultimos saídos na maior parte da Pomerania e do Hunsrück) no Rio Grande do Sul.

Graças á altitude muito elevada do paiz, são favoraveis as condições cli-

matricas. São muito numerosas as famílias; a raça conserva todo o seu vigor, e não se vêem em parte alguma, nem mesmo na Allemanha, amostras mais sãs e mais authenticas.

A Allemanha tem o maior e o mais real interesse, ao mesmo tempo moral e economico, em preservar o mais possível de absorpção essas colonias relativamente numerosas, que ficam impregnadas do seu espirito e são fieis clientes da sua industria. Ella quereria hoje fortificá-las, dirigindo para ellas os elementos que não pôde conservar no seu proprio seio.

O governo allemão tomou, ha alguns mezes, medidas nesse sentido. Poderosas companhias particulares tambem se occupam em organizar no sul do Brazil empresas de colonisação em ponto grande. O *Norddeutsche Lloyd* e a *Hamburg Südamerik Linie*, de concerto com a Associação colonial hanseatica, adquiriu, na visinhança de D. Francisca e de Blumenau, um vasto dominio de 6.500 kilometros quadrados, afim de installar nelles aldeões alleinães. Na região florestal do rio Uruguay, o dr. Hermann Meyer fundou uma colonia nova e importante.»

Por todos estes documentos, por todas estas citações, creio que se terá comprehendido a gravidade do caso *teuto-brazileiro*. E' vital para o Brazil ibero-latino, e admira que o sr. dr. Manoel Bomfim, num livro em que discute o futuro das gentes latino-americanas e innumeradas theses de *omniscibili*, não tivesse encontrado duas palavras para lhe consagrar.

Mistér é aprofundar algum tanto a *excepção brazileira*.

De vinte annos a esta parte, não peço ensejo de despertar a attenção dos brazileiros e dos poderes publicos da nação para esse gravissimo assumpto.

Releva ponderar que alguns órgãos da imprensa do paiz não se tem deixado ficar mudos deante das perturbações que nos ameaçam.

Não faz muito tempo, o *Fornal do Commercio*, do Rio, que tem sido um benemerito nesta questão, publicou um magistral artigo, que deveria ser tirado em avulso e espalhado *gratis* por todo o Brazil.

Refiro-me ao artigo inserto no seu num. de 6 de janeiro do anno passado.

E' uma magistral noticia critica de oito publicações allemães relativas ao desenvolvimento das colonias germanicas dos nossos estados meridionaes: I—*Das Deutschtum in Südbrazilien und Süchil*, do dr. Alfred Hettner; II—*Deutschens Kolonistenleben im Staate Santa Catharina*, de Hermann Leyfer; III—*Die Besiedlung des oestlichen Südamerica mit besonderer Berücksichtigung des Deutschtums*, do dr. Alfred Funke; IV—*Die Deutschen im Tropi-*

chem Amerika, do dr. Wilhelm Wintzer; V—*Brasilien und seine Bedeutung für Deutschlands Handel und Industrie*, do dr. Walther Kundt; VI—*Deutsche Siedlung über See:—Ein Abriss ihrer Geschichte ihrer Gedeihen in Rio Grande do Sul*, de Alfred Tuncke; VII—*Rathschlage für Auswanderer nach Südbrasilien* do dr. R. Iannasch; VIII—*Deutsche Interessen in Brasilien*, do dr. R. Kranel.

E' este o vasto manancial de informações que chegaram a esclarecer o atilado espirito do articulista.

Vejo ahi confirmadas as noticias que pude obter por outros caminhos.

O debate é daquelles nos quaes nunca é demasiado insistir e em que se deve entrar munido de todas as armas.

Em um estudo a que devo imprimir accentuado espirito e destino de propaganda, seria um erro deixar de aproveitar o auxilio provindo de uma auctoridade como a do *Fornal do Commercio*.

Por isso, aqui vão as palavras que em brilhante synthese abrem o alludido artigo de 6 de janeiro do anno passado e que traz por titulo:—*Allemães no Brazil*:

«Ao problema colonial, na Allemanha, estão ligados os mais altos interesses economicos; nelle, de certo modo, se radicam os destinos futuros do imperio. E' por isso que uma grande parte da opinião publica allemã está constantemente voltada para elle e que todos os assumptos que directa ou indirectamente entendam com essa questão capital tem allí o poder de apaixonar os espiritos.

O rapido desenvolvimento de uma população assombrosamente prolifica, comprimida em um territorio demasiado exiguo, gerando o mal estar e a penuria nas massas inferiores, acossada até aos extremos do littoral pela pressão de necessidades cada vez mais urgentes; de outro lado, o pouco successo de antigas tentativas no sentido de dilatar os limites do imperio pela criação de dominios coloniaes ou paizes de protectorado (*schutzgebiete*), como lhes chamava Bismarck, fizeram com que cedo a Allemanha lançasse as suas vistas para o paiz que de todos se affigurava o mais apropriado a receber, com o excesso da sua população, o influxo da civilisação germanica e realizar, através dos mares, o sonho ambicioso do prolongamento da terra allemã. Essa nova patria, um dia os allemães pensaram tel-a encontrado nos Estados-Unidos. Durante annos, vapores saídos de Hamburgo, Bremen e portos do norte despejaram no vasto littoral norte-americano levadas numerosas de colonos, destinados a derramar em sólo *yankee* a semente asperrima do *Deutschtum* e fazel-a fructificar para gloria e proveito da patria longinqua.

Não tardou, porém, que na Allemanha se verificasse quanto eram fallazes essas esperanças.

Transplantado para os Estados-Unidos, o allemão tornou-se em breve tão norte-americano como o mais legitimo dos *yankees*, e o mais acerbo concurrente da mãe patria. O valor da emigração era, portanto, completamente falso; o vasto plano de germanisação frustrára-se de maneira deploravel.

«Foi então que espiritos sagazes viajantes experimentados que tinham visitado o nosso paiz e admirado de perto riquezas e maravilhas levantaram as idéas da colonisação do Brazil onde desde 1825, tinham vindo fixar-se os primeiros immigrants allemães.

Quem diz potencia colonial, diz implicitamente esquadra, diz força maritima; haja vista Portugal e Hespanha, nos periodos aureos de sua historia, a Hollanda do seculo XVII, a França, a Inglaterra de sempre. Ora, ao lado do assombroso poder naval que representam essas nações em epochas diversas da sua historia, a Allemanha, por muito tempo reduzida com os seus poucos guarda-costas a uma stricta defensiva, estava, é força convir, bem pobremente aparelhada para a função colonisadora a que a impellia o refluxo vertiginoso da sua população sempre crescente. Este estado de coisas durou até á data da fundação do imperio; a Prussia e os estados maritimos allemães chegaram a 1870 absolutamente desprovidos de navios de combate. O seculo XIX, fecundo de gloriosas promessas, realizadas umas, outras apenas esboçadas, não devia passar sem que lhe fôsse dado assistir á soberba eclosão de uma nova grandeza maritima, que se annunciava.

Ao genio de Guilherme II deve a Allemanha o ter afinal adquirido a inteira consciencia dos seus destinos maritimos e mais lhe deve o ter reunido, com pulso implacavel, do chaos em que se achavam, os destroços esparços da sua frota para o apogeu do presente.

Assim, de chofre a Allemanha viu-se erigida em potencia maritima de 1ª ordem e, condemnada outr'ora a uma rigorosa e stricta defensiva entrava desassombadamente na politica mundial, aparelhada de elementos formidaveis que se lhe não asseguravam a supremacia, certamente a collocavam em logar invejavel entre as nações armadas. «Em caso de guerra, a Allemanha tomará a offensiva»; não são do proprio imperador estas palavras memoraveis dirigidas aos seus almirantes e que bem exprimem o pensamento do actual monarcha?

A politica de expansão inaugurada por Bismarck, evidentemente a contra gosto e «para acompanhar a corente», como elle proprio declarou ao Reichs-

tag, achou no rebelde neto do seu augusto amo o mais eminente e decidido campeão. De anno para anno, o pensamento de Guilherme II vem adquirindo novas e surprehendedentes fórmulas para a sua crystallisação integral e luminosa, a que o mundo civilizado assiste com assombro e admiração talvez, mas a que se mistura certamente um sentimento muito natural de apprehensão e receio.

Do que fica exposto pôde-se avaliar a profunda revolução que estes ultimos annos assignalam na marinha de guerra allemã. Quizemos acenar para o facto porque, como nenhum outro, elle nos parece accentuar a nova orientação politica da Allemanha e, mais propriamente, do kaiser, e porque a orbita da sua influencia, longe de estar de todo percorrida, ainda mal se delinea no horizonte de um futuro mais ou menos remoto.

No Brazil, sobretudo, estas questões seriam bem dignas de excitar por um pouco o fakirismo indigena abolorado no açude de uma nefasta politica de campanario, e myope absolutamente, de uma myopia incuravel além da orbita restricta dos interesses do momento. As nossas relações com a Allemanha, relações de ordem muito especial e que tendem necessariamente a avolumar-se para o futuro, não nos podem deixar indifferentes ao seu progresso, ao desenvolvimento incessante das suas energias economicas, de suas forças expansivas, ao espectáculo incomparavel de sua pujança sempre crescente. São factores esses que não de fatalmente, tarde ou cedo, surprehender a prudencia dos nossos estadistas.

A cifra total dos colonos allemães estabelecidos actualmente na zona meridional do Brazil (Paraná, Santa Catharina e Rio Grande do Sul) pôde ser calculada, á falta de dados estatísticos exactos, em cerca de 350.000. Para alli vieram desde 1825, alli se fixaram em vastos territorios des povoados ou em pleno sertão, desbastaram a matta, abriram picadas, arrotearam os campos, plantaram e edificaram e, á força de labor insano, ajudados pela opulencia de um sólo uberrimo que só está pedindo braços e actividade que infelizmente não se encontram nos naturaes, em breve crearam nucleos florescentes, colonias importantes e populosas, animadas por um commercio diligente e productivo, centros de bem estar e de fartura que fazem o encanto dos que visitam aquellos lugares.

Mas no meio dessa opulencia que veio achar na terra alheia o immigrado allemão, expellido da patria pelo espectro da fome e da miseria, o allemão conservou no paiz adoptivo a piedosa e indestructivel fidelidade á terra na-

tal, aos uzos e costumes do norte, a sua lingua, as suas tradições, e, ao contrario do que succeden nos Estados-Unidos, onde o elemento nacional absorvera por completo o elemento estrangeiro, no Brazil, depois de mais de meio seculo de residencia no paiz, aquelle colono é ainda hoje tão profundamente allemão como o que primeiro aqui aportou de Hamburgo ou Bremen á cata de pão e trabalho.

Não entraremos no exame das circunstancias que muito provavelmente terão influido para semelhante situação; o nosso intuito é apenas orientar a attenção para esse exquisito estado de coisas a que a sabedoria dos governos será chamada a pôr alguma ordem, si não para remediar os males já existentes, para conjurar peiores, futuros.

Temos á mão uma boa duzia de brochuras publicadas na Allemanha sobre o assumpto especial da colonisação nos nossos Estados do sul. Nesses escriptos, datados todos de epocha muito recente, entre 1900 e 1903, sob a fórma de conselhos e instrucções aos immigrantes, de monographias historicas, de relatorios ou simples narrativas de viagem, a propaganda da emigração para o Brazil é feita com enthusiasmo.

Aqui, já se vê, não existe o «perigo» que comprometteu, por exemplo, o plano de colonisação nos Estados-Unidos. Fixados em grandes massas, em um territorio excepcionalmente favoravel ao estabelecimento do colono europeu, isolados do resto dos naturaes por distancias materiaes consideraveis que difficultam, si não impossibilitam, um commercio seguido com o brasileiro, fortes, além disso, consciencia de sua superioridade de raça sobre o elemento indigena «falso, ignorante e indolente», que elles desprezam, com o qual não fazem liga e de quem só querem a terra, que é generosa e capaz de produzir todos os fructos da cultura européa, confiantes além disso na longaninidade dos governos locais, que, absorvidos pelos pequeninos interesses da politica, os abandonam aos seus recursos proprios, os colonos allemães apresentam nos Estados do sul o curioso phenomeno de uma população á parte que vive sobre si, que se administra e se governa, onde domina a cultura allemã, onde o espirito allemão prevalece e é alimentado, de geração em geração, pelas condições do meio, pela pratica da religião, que é exercida por sacerdotes allemães, pelo uso da lingua, que é exclusivamente a allemã no povo e nas unicas escolas existentes onde o eusino é ministrado em allemão, por professores allemães mandados vir da Europa á custa dos colonos ou subvencionados pelo governo imperial. Em taes condições, não seria de admirar que a absorpção pelo elemento nacional fôsse aqui um facto quasi materialmente impossivel, e que essa popu-

lação de 350.000 almas, que, dia a dia, váe crescendo e se multiplicando pela constituição de familias ou pela aquisição de novos elementos vindos do estrangeiro, si de um lado está geographicamente mais perto de nós, permanecesse, comtudo, intransigentemente alheia de nós por afinidades de raça, costumes, tradições e tendencias, e constituisse no nosso proprio meio um elemento antes hostil e por ventura capaz de afirmar em uma oportunidade mais ou menos remota essa conexão effectiva com a mãe patria.

Sobre essas vistas geraes parecem estar de accordo todos os auctores dos mencionados escriptos.»

De posse das premissas, estabelecidas ellas com toda a segurança neste e no anterior artigo, poderei, agóra desenvolver a minha argumentação e tirar as consequencias.

SYLVIO ROMÉRO.

Nos artigos anteriores, teem escapado á revisão alguns erros, mas sem a importancia dos que se encontram no meu artigo anterior: pag. 82, 2ª columna, linha 35—em vez de além do atrazo, leia-se QUE além do atrazo; linha 42, em vez de forinstrucção, leia-se FORTE instrucção; 3ª col., linha 13—em vez de O quatro systema, leia-se O QUARTO systema; linha 58, em vez de os allemães é aquelle, leia-se A ALLEMÃ É AQUELLA; linha 65, em vez de a França fortissima, leia-se a França FERTILISSIMA; em vez de outra mais diversa, leia-se outra MUI diversa; pag. 85, 1ª col., linha 37, em vez de é unicamente, leia-se é A unicamente; linha 47, em vez de casos de emigração, leia-se casos de IMMIGRAÇÃO. E' possivel que haja outros, mas sem importancia, facilmente corrigiveis.—S. R.

PAGINAS ESQUECIDAS

Vale bem a pena de ser publicado, nesta secção, o decreto que ordenou a factura da corôa imperial, encontrada ultimamente na casa forte do Thezouro;

Decreto de 19 de novembro de 1822

Tendo-se de celebrar a minha coroação e sagração como Imperador do Brazil e Perpetuo Defensor por unanime aclamação dos povos e sendo de absoluta necessidade fazerem-se as despesas necessarias para este solemne acto: sou servido que pelo Thezouro Publico se entreguem a Placido Antonio Pereira de Abreu as quantias que por elle forem pedidas, á vista das competeutes contas legalisadas, como he de estilo, e da mesma forma ás outras pessoas encarregadas da promptificação de varios objectos para o mencionado acto, apresentando todos as suas contas com as formalidades precisas, para serem abonadas ao Thezoureiro Mór do mesmo Thezouro, as quantias que, na sobredita conformidade, for entregando. MARTIM FRANCISCO RIBEIRO DE ANDRADA, etc.

*

Decreto de 19 de novembro de 1822

Martim Francisco Ribeiro de Andrada, etc, ordene ao Thezoureiro Mór delle faça entregar ao ourives da minha casa, Francisco Gomes da Silva, a quantidade de ouro que

for preciso para factura da Corôa Imperial, Sceptro e outros objectos por mim determinados, apresentando o sobredito Francisco Gomes a conta do ouro que houver despendido, para ser levado em conta ao Thesoureiro da Casa da Moêda.

—
Esses documentos existem no Liv. 7º de Regulamentos e Decretos dos annos de 1821 a abril de 1825, pag. 42, v.

Os individuos citados nos dois decretos eram favoritos de Pedro I, seus companheiros de pandega, que deixaram na chronica escandalosa do primeiro reinado, traços de picaresca memoria.

* * *

COMO CANOVAS DEL CASTILLO FOI ASSASSINADO

Já Alfred de Musset, em versos mediocres mas immortaes, nos ensinou que quinze dias, quinze curtos e ligeiros dias,

Font d'une mort récente une vielle nouvelle!

Duma morte recente uma velha noticia... Com effeito! E não só a noticia envelhece, desbota, engilha, desce ao lixo como o jornal em que primeiramente rebrillhou e resouu — mas tambem com cada sol que se afunda no mar, o morto mais morre, mais se afunda na terra. Ha pouco, era uma personalidade que revolvia, atravancava todo um reino: agóra é uma fórma inerte, embrulhada num panno, que cabe num caixão esguio: dois mezes rolam, como duas gottas numa vaga, e já nem mesmo se lhe distingue o vulto na vasta impersonalidade do pó! Assim vinte curtos dias correram desde que d. Antonio Canovas caiu morto, com um tiro, no Hotel de Sant'Agueda: — eis que já a ardente, esvoaçante, estridente noticia da sua morte caduou, regelou, se alinhou, secca e rigida, entre os paragraphos mortos da Historia, e já d. Antonio Canovas, o homem forte que enchia a Hespanha, de Oceano a Oceano, desde Cuba até ás Philippinas, se esváe, recúa diluidamente para o Passado, sombra tenue confundida a outras tenues, um incerto Canovas, que se perde entre os vagos Metternichs e os esfumados Cavours...

Mas o que não caduca, o que permanecerá, dando sempre um arrepio novo, é a historia tão simples e tragica daquelles cinco dias de verão em que o assassino viveu quietamente e cortezmente, no mesmo hotel, com o homem que vinha assassinar! Não, nem na realidade ambiente, nem nas coisas creadas pela imaginação, existiu nunca episodio mais intensamente sinistro! E' numa pequena estação d'aguas, em Sant'Agueda, onde Canovas toma banhos thermaes para o seu rheumatismo, e habita o unico hotel daquella aldeia entre montes.

Uma tarde, num banco do jardim que precede o hotel, elle conversa alegremente (era exuberante e subtil conservador), quando dum simples omnibus, do omnibus que chegava do caminho de ferro, se apeia um sujeito de paletot alvadio, segurando a sua maleta de lona. Ao passar, este homem, avistando o presidente do Conselho, o Senhor constitucional da Hespanha, poderoso e illustre, ergue com reverencia o seu chapéo molle. E Canovas, na sua familiaridade facil, tão grandemente hespanhola, saúda logo, com um aceno de mão, condescendente e affavel. A quem acenou assim, risonhamente, d. Antonio Canovas? A' Morte, — á sua Morte, que o vem buscar a Sant'Agueda. Foi a Morte que chegou agóra das profundidades do Destino, agasalhada num paletot alvadio, com a sua foice dentro da maleta de lona. E Canovas, no banco do jardim, junto de uma moita de flôres frageis que lhe hão de sobreviver, continúa contando, gracejando — emquanto a Morte, a sua Morte, paga o cocheiro do omnibus, e serenamente, sem pressa, transpõe a porta do hotel.

A Morte entrou. A Morte pede um quarto, simples e barato, no ultimo andar, para onde sobe atraz do creado, que lhe leva a mala onde ella leva a foice. Ahi dependura o paletot no cabide, lava as mãos da poeira da jornada — e, debruçada da estreita janella, a Morte estende os fundos e agudos olhos para baixo, para o jardim, para o seu homem. Elle não se moveu, recostado no banco, entre o seu rancho, conversando com viveza, o contentamento saudavel, a renovada elasticidade de vontade e pensamento que lhe deram aquelles limpos ares, as beneficas aguas que curam dôres nos joelhos. Porque Canovas veio a Sant'Agueda curar dôres ligeiras que o inquietam... A Morte espregueira da janella alta. E para além, através das arvores, apparecem os tricornes de oleado, os vivos talabartes amarellos da guarda civil, destacada em Sant'Agueda para cercar, honrar, velar o presidente do Conselho... Mas uma sineta tilinta vagarosamente. E' o jantar. A Morte desce a escadaria de pedra. Sem rumor, modestamente, quasi encolhida, occupa a sua cadeira na comprida mesa, onde já abancharam, com ruido, nédias matronas de buço e altos pentes de tartaruga, coroneis agaloados e desabotoados, clérigos que murmuram as «Graças» apalpando o pão. Tambem, de certo, por entre os vasos com flôres do monte, alguns bellos olhos, num oval perfeito de quente pallidez, refulgem, espargem a sua avelludada caricia. Mas a Morte não repara. Ainda que a dizem irmã do Amor, não foi para aquellas moças, de franzina cinta que

ella veio a Sant'Agueda, das profundidades do Destino, no caminho de ferro, em segunda classe. Concentradamente percorre o «menu», desdobra o seu guardanapo. O creado barulhento serve a sopa: — e a Morte, cançada e com appetite, come daquella sopa, de que, ao lado, numa meza reservada, na mesa de s. ex., está tambem comendo o morto.

Então começa a espantosa historia dos cinco dias. Constantemente, nos corredores, nas ruas mal calçadas da encovada aldeia, nas estradas assombreadas de carvalho e pinheiral, o assassino cruza o homem que váe assassinar. E é sempre o mesmo respeitoso erguer do chapéo molle — o mesmo aceno affavel da mão poderosa: Até se encontram de manhã, cedo, ambos em chinellas, na galeria dos banhos. A' remota Sant'Agueda, perdida nas serras, só se afoita quem toma os banhos que curam as dôres; — e a Morte, resignadamente, cada manhã, toma o banho que a disfarça. Canovas já conhece aquelle homem, que, sempre encontra, muito modesto, quasi bucolico, nos caminhos das collinas mais verdes — ou contornando os muros do jardim com pensativa lentidão. Já mesmo uma tarde murmurára, com distraída indifferença, ao chefe de policia: — «Quem será este homem?» E o chefe de policia affirmára com immensa certeza: — «E' o correspondente dum jornal d'Italia, que toma banhos...»

Canovas findára talvez por sympathizar com aquelle jornalista de face intelligente, que, para proveito do seu jornal, se embebia na estudiosa contemplação do homem forte que governava a Hespanha. Toda a vida do presidente, de resto, mesmo o seu trabalho politico, se desenrolava deante do homem pensativo de chapéo molle. Nesses dias abrazados d'agosto, naquella aldeia thermal afundada entre montes, era do arejado jardim do hotel que o estadista dirigia o Estado. Com a pasta pousada no banco, abria os telegrammas, relanceava os relatorios, defendia Cuba, reprimia as Philippinas, exercia a sua omnipotencia escrevinhando sobre o joelho. — e a Morte rondava e olhava para elle. Quantas vezes, nesse banco, conversando com os secretarios, depois do almoço, naquelle limpido metal da sua vóz, que o gesto decidido atirava para longe soberbamente, — elle mencionou planos, refórmas, idéas de força, enredos de prudencia, todo um trabalho de governo, potente e ductil, demandando um viver longo, um dominio firmado, a sequencia duma energia que não oscilla sobre a sua vasta base de ferro. Os secretarios admiravam... Elle exclamava, seguro: — «Mais tarde eu direi!... Para o

anno eu farei !...» E o homem do chapéu molle pensava : — «Talvez o mate antes d'anoitecer !» Isto durou cinco dias.

Porque tardou assim cinco dias, o homem do chapéu molle? E' que, coisa sinistra! a Morte sabia que, matando, morreria. Para ella, e com clara consciencia, tambem aquelles dias de banhos na quieta Sant'Agueda eram os derradeiros do mundo. De manhã, accordando no seu quarto do terceiro andar, abrindo a janella á fina aragem da serrania, e ao aroma dos pinheiros, de certo considerava que talvez não tornasse a ver nem montes nem pinheiraes, nem gados pastando, nem creanças brincando á beira das sebes — e que nunca mais abriria uma janella cheia de sol e de azul, porque, para todas as horas restantes numa espessa masmorra, as suas mãos estariam amarradas por algemas de ferro. Hesitava? Não! Uma Justiça superior o marcára gloriosamente para vingar os seus irmãos torturados, e toda a miseria humana!... Mas talvez essa tortura lhe apparecesse mais incerta, e essa miseria menos pungente, alli, longe das famintas viellas das duras cidades, entre a doce quietação das collinas eternas, contemplando a suavidade dos valles, com os seus verdes retalhos de lavoura, onde o homem acha em segurança o pão e a liberdade. E talvez então murmurasse : — «Bem, será para amanhã!...» Era mais um dia para passear nas frescas alamedas, e respirar o crespô e cheiroso ar da serra, e recolher socegradamente, á tardinha, quando a sineta do hotel, sonora em todo o valle, toca para o jantar... Mas certamente o mataria! Jurára vingar os tormentos dos seus irmãos — e depois, incessantemente o fascinava a idéa do seu nome retumbando em toda a Hespanha, enchendo o mundo. O homem que executára Canovas!... Era o seu retrato em todas as vidraças — a sua vida, de revoltado humanitarismo, contada com ardente curiosidade como se conta a dos heróes! Que espanto e escuro terror inspiraria o seu grande gesto! Mas nos desolados recantos onde se abriga, sem lume, quasi sem pão, no seu secular opprobrio, a plebe soffredora — de quanto amor e admiração seria o seu nome cercado! Oh! devia matar, fatalmente nessa tarde! O revólver entanguencia, esperando, no fundo da maleta de lona... E todavia, ao atar em roda do pescoço a gravata, sentia, num curto arrepio, o frio ferro do garrote. «Talvez hoje não possa... Mas será amanhã!»

Esse dia, como sempre, era occupado em solitarias caminhadas. Que pensamentos o acompanhavam, pelas silenciosas estradas orladas de carvalho

e faia? Sempre os mesmos e vagos — vingar a Humanidade entrar na Historia... E, certamente tambem, fugir depois de matar. Estudou talvez, através dos montes, atalhos e escondrijos. Mas não se fortaleceria nessa esperanza. Depois, a grandeza da sua missão reclamava nobreza d'attitude. Que humilhação perante o mundo, se soldados, correndo, o apanhassem escondido, assolapado no matto, como um larrapio! E a fuga, se a realizasse com segurança, era o seu nome sem assombro, sem gloria, sem benções... Revolvendo essas coisas confusas, muitas vezes na estrada, alcançava Canovas, entre o seu rancho, perseguido alegremente por pequenos esguedelhados a quem distribuia pezetas. Logo o chapéu molle se erguia, respeitoso, e lá vinha para a Morte, o aceno superior da mão poderosa. E ambos recolhiam na frescura da tarde, emquanto a sineta do hotel, sonora em todo o valle, chamava para o jantar. E quando á noite, assenhoras na sala abandonavam a costura, e o *whist* findava, ambos subiam pelas mesmas escadas, Canovas para o seu quarto atulhado de papeis d'Estado, de longos planos demandando um viver longo, e a Morte para cima, para o terceiro andar, onde, apenas, a um canto pousava a maleta de lona... Sant'Agueda adormece no silencio que baixa dos montes. Só algum cão uiva, num casal remoto. E no corredor o velho relógio tropego, com o seu tic-tac, marcha, tic-taca para a hora derradeira do homem poderoso, bem defendido, certo do poder e da sorte — emquanto por cima, e sem se apressar, a Morte se despe, a Morte apaga a véla.

Emfim amanhece, é domingo. Porque escolheu esse dia, o homem do chapéu molle? Ah! Estes domingos em que a Burguezia mais vistosamente se mostra no seu luxo ricasso e no seu tradicionalismo estreito, as senhoras rojando as grandes sedas de missa, os homens resplandecendo nas suas botinas de verniz novo, e todos numa fileira decorosa arrebanhando para a Igreja, para a reverencia dos Dogmas, — enervam sempre asperamente os racionalistas, os equalitarios. Canovas voltou da missa. Sentado no banco do jardim, junto duma porta envidraçada, corre o jornal, olha o seu relógio, esperando o almoço. Tic, tic, tic, — o ponteiro corre — o homem forte que governa a Hespanha tem apenas um minuto a viver, sob aquelle generoso sol que cobre Sant'Agueda. A Morte trepou ao seu quarto, abriu a sua maleta, tirou a sua foice. Já desce a escadaria, cruzando as senhoras que sobem com as suas sedas de domingo, os seus devotos livros de missa. E depois...

Mas então a tragedia perde o seu

interesse violento. Já apenas um nobre homem morto que os seus amigos, numa assombrada dôr, levam para começarem a sua apothose. E ha outro homem, com as mãos algemadas e tambem já morto, que os soldados arrastam para o garrote.

No entanto, pelas quietas collinas de Sant'Agueda os pinheiraes, altos no desattento azul, não cessam o seu indolente, eterno ramalhar: robustas vaccas pastam num prado, onde um esperto arroio relúz e corre atarefado; e nos silvados as borboletas, aos pares, vôam deslumbradamente por cima das madresilvas e das amoras maduras.

EÇA DE QUEIROZ.

Fragmentos de estudos da historia da Assembléa Constituinte do Brazil

XII

Nos tempos da Independencia, não se davam ao paiz os motivos das retiradas, nem das organizações ministeriaes... Esse politico estadista que presumia instituir o governo representativo, o qual vive da opinião, donde lhe vem força e prestigio, conservou-se mudo e quedo, quando o dever de cidadão e a nobreza da missão de iniciador, o obrigavam a dizer á nação francamente a verdade. Eis porque, ainda hoje, esse facto, gravissimo sob diversas relações, jaz envolto em obscuridade que a historia não esclarece.

Nestes *Fragmentos*, somos aprendizes, que não sabem, mas trabalham e estudam com o fim de conhecer a verdade historica. Os elementos em que bazeamos tal estudo, não são nem os encomios dos admiradores, nem as deslumbrantes glorificações da *lenda*, e muito menos as vociferantes coleras dos inimigos. Desejariamos, como refere a mythologia, fazel-o passar pela mesma operação que soffrera Achilles, perdendo, nas aguas do celebrado Styx, tudo o que tinha de humano e impuro, subsistindo sómente a parte divina.

Já temos repetido qual o methodo que empregamos no estudo investigador e meditado para surprehender a verdade historica. Effectivamente, não nos quedaremos, extaticos, em profunda contemplação, admirando as apparencias da magestade do vulto e dos gestos dos personagens; não. Procuramos penetrar-lhes a consciencia, interpretar-lhes as emoções, os instinctos, as idéas, as crenças e as paixões. Numa palavra, tudo que ahí refulge em opulencia intellectual; tudo que se obumbra em degradação moral. Eis ahí porque nos vemos obrigados a an-

dar como que esquadrihando e cantando, aqui e acolá, os actos; atando as suas multiplas relações; recolhendo todos os *signaes*, qual naturalista que observa os matizes e estrutura das folhas das plantas. Dest'arte, apuramos as palavras, os pensamentos, paciente e minuciosamente, para induzir o que exprimem, para fazer a reaparição da grande individualidade morta — desapparecida da scena presente.

Nesse trabalho guiamo-nos, tambem, pelo testemunho dos contemporaneos e pelos documentos que comparamos e criticamos. Nos actos transláz o papel que o personagem representára no *meio social* onde vivera e claramente se distinguem as transformações em que seu genio avultou sempre, ou decafu muitas vezes. Ora, nos actos de José Bonifacio, encontra-se o individuo e este os explica. Pela sua natureza psychologica, elle — sectario do poder antigo — parece afferrado ás normas do *archonte-rei*, ou ás praxes da realeza, nas quaes primava o marquez de Pombal, astuto imitador do cardeal de Richelieu.

José Bonifacio não é homem dos tempos modernos. Falta-lhe o *devenir*, de que tanto se preocupa a philosophia hegeliana; falta-lhe o dom da metamorphose. Alma de tempera antiga, achou-se extraviada no meio das aspirações modernas, que não comprehendia, detestava e submettia ao rigor das portarias. Declarem o que é que nos legou fóra dos horrores da devassa; tambem o que instituim de util ao aperfeiçoamento moral e material do povo brasileiro: indiquem com o dedo: *difficilem rem postulastis*. (1)

Si não quizermos proceder, *more peccorum*, reflectiremos um pouco.

As numerosas e contínuas portarias de devassas provam animo affeito aos meios arbitrarios de governo despotico; indicam — sinão a malvadeza da vontade, — de certo a obstinação de perseguir. (2) A suspeita de espirito irritado e frenetico é qualidade opposta á sabedoria e á justiça dum ministro conscienciosamente liberal. O historiador de Roma considerava a suspeita — vicio inseparavel da tyrannia. A opposição feita á proposta do deputado Alencar a respeito da prisão de Costa Barros; aos projectos de amnistia e perdão; ao da revogação do cruento Alvará de 1818, sem duvida não prova a candura da alma santa e benefica do illustrado naturalista e poeta. (3) As palavras rancorosas e inconsideradas: *ser capaz de mandar enforcar liberaes, constitucionaes, republicanos e carbonarios no largo do Rocio*, exprimem pensamentos incompativeis com um iniciador da liberdade e com os sentimentos humanitarios, que honravam a civilização do seculo dezenove. (4) O discurso, previamente composto no

silencio e na meditação do gabinete, e colericamente balbuciado na sessão de 6 de maio na Constituinte, é realmente documento de superlativa inepticia, de inexperiencia politica, de má fé, ou de ignorancia, deturpando a historia recente da Hespanha do rei Fernando VII. A preocupação de fazer conspiração, por toda parte, contra sua propria vida, denuncia que não era geralmente aceito, nem gozava de popularidade. Na propria Assembléa Constituinte, obtinha as ultimas votações.

As portarias citadas e outras, mandando escolher *espias seguros*, promovendo delações immoraes, odiosas, de que só uzaram os Sejanos, e surprehender as conversações intimas do lar domestico, demonstram que José Bonifacio escutava e attendia a cafila de miseraveis intrigantes e calumniadores assalariados, que conviviam com elle e sempre fóram os executores de sua obra de perseguição. A este proposito, diz um historiador brasileiro: «achando pouco o pessoal do seu *consistorio privado*, composto de Oliveira, Porto Seguro, Orelha, Lafuente, Miquelina, José dos Cacos e outros da mesma laia, que infestaram a cidade, em 10 de abril de 1822; mandou uma portaria ao desembargador intendente geral da policia — João Ignacio da Cunha, para augmentar o numero dos espíões e de juizes criminaes.

Emfim, á vista do procedimento brutal, insensato, que teve com os juizes de paz, que lhe fóram intimar o decreto da Regencia e ordem de prisão no palacio de S. Christovão, (5) ficamos perplexos e nos perguntamos uns aos outros: que vale este homem na categoria das mentalidades politicas?

Oh! apregoal-o grande estadista, sabio politico, ou simplesmente sensato, seria ridiculo! Como ser apostolo da liberdade quem professa e pratica todas as cruezas e brutalidades do absolutismo?!...

O regimen constitucional de *contra-pezos e medidas de limitações e responsabilidade*, si houvesse de ser fundado por elle, saíria uma monstruosidade. (6) E' grossa e repulsiva sandice suppor que este tyrannete iniciou o povo no credo das liberdades modernas.

A *lenda*, todavia, bradará que é o patriarcha da Independencia; desprezemol-a; a *lenda* é a expressão da credulidade e da ignorancia. A philosophia da historia, que analyza os actos, synthetiza as idéas, apura e verifica as bases de seus juizos, julga o pretenso patriarcha diversamente da *lenda*, que, a despeito de tudo, exerce immenso e irresistivel influxo sobre o espirito dum epocha. A *lenda* napoleonica, por exemplo, em França, ainda hoje, conta innumeros crentes, apesar das

desillusões e dos revezes. Mas Napoleão será sempre um dos ferozes tyrannos que flagellaram a humanidade. (7) Os tyrannos são como que felizes, porque até notaveis philosophos os exaltam e lhes chamam — *puissantes et hautes personalités, incarnation d'une idée, qu'ils ont pour mission reveler aux foules. Le Tout-Puissant* (pensa e affirma o allemão Schleiermacher) *qui les envoie de siècle en siècle, les anime d'une feu sacré... On les nomme, suivant le temps, dieux, et heros, patriarches et initiateurs*. Remontando, através dos seculos, sempre o mesmo culto se nos depara. Alexandre e Julio Cezar fóram heróes e semideuses. Cezar, só duma feita, levou a atrocidade a mandar cortar os punhos dum legião inteira de gaulezes, que havia vencido. (8) Sem duvida, o nome de José Bonifacio não ha de obliterar-se na memoria da nação brasileira: que perdue arraiado pela luz da verdade historica, despido das lentejoulas da imaginação das turbas ignaras e inconscientes! Não queremos completar o estudo de sua psychologia comparando trechos das cartas *andradinas* (9), nas quaes a verdadeira e fiel physionomia de sua individualidade se retrata cabalmente.

Em conclusão, o homem apparece nas portarias, não ostentando a magestade dum patriarcha, ou a supremacia dum estadista, que dá a um povo instituições e leis; que organiza o Estado com todos os elementos que o façam prospero, forte, feliz e livre. Sob este ponto de vista, poder-se-ia inquirir: que fez de notavel o patriarcha, — o iniciador? Iniciou a Independencia? Não: — esta é obra da nação inteira; no começo, o patriarcha lhe foi contrario. Organizou, constituiu o Estado? Não. A Constituição de 25 de março de 1824, que regeu o paiz cerca de 65 annos, foi ortorga, só, de d. Pedro. Quem ouzará citar uma lei de vital e verdadeiro interesse social, iniciada por José Bonifacio? Nenhuma... Offerecem-se *Memorias*; mas um legislador deve formular as idéas em leis, que teem um organismo proprio e não em *Memorias* talvez bem futeis. José Bonifacio não possuia o genio do estadista e do legislador. Espirito observador como naturalista, o seu talento era principalmente descriptivo... Delle subsistem nas collecções das leis e dos actos do governo alguns decretos insignificantes. Os seus actos de ferrenha administração avultam, como documentos comprobatorios do *terrorismo* da epocha e das perseguições do seu furor policial, que faz resurgir, na mente dos leitores, o cruel e pungentivo sarcasmo dum historiador da velha Roma.

Quando Cicero, ancho de suas faça-

nhas, pronunciou no Senado o sinistro e pávido laconismo, *vixerunt*, após haver mandado estrangular no ergastulo os prisioneiros da conjuração de Catilina, e então Salustio Crispo escreveu, em sua historia, a seguinte phrase sarcástica: *optimus consul*. Quiz assignalar um deploravel contraste. Cicero, o espirito reputado o esplendor do seculo, desceu a rastrear o officio de *activo e vigilante esbirro de policia*, vigiando e esmagando a conspiração dos Lentulos, Lucio Sergio e Cethego. O nosso venerando patriarcha, em verdade, não representou outro papel; rivalizou com o eximio orador que fulminou o perverso Verres. José Bonifacio era de tempera dos antigos, cujos exemplos seguia. Não era homem das liberdades modernas, porém da auctoridade patriarchal, absoluta, inexoravel. Supuzeram-no um Washington; elle, porém, seguia outro rito; professava outra fé, amava o ideal das tyrannias antigas.

Reatemos o fio aos debates no recinto da Constituinte. O deputado Alencar tratou da proposta concernente á prisão do coronel Costa Barros e, discorrendo, diz: «*não é proprio do meu character accusar alguém*». Essa accusação caía toda sobre o ministro que expediu a portaria de 2 de outubro de 1822. Por esta ordem, fôra encarcerado o eleito representante do Ceará. Aquelles que tiverem a paciencia e curiosidade de compulsarem o *Diario da Camara*, notarão o receio que os deputados teem de atacar e de accusar um ministro, que condemnam; todos se abstêm de profligar a série de violentas perseguições resultantes das devassas e portarias. Parece que houve uma convenção tacita de guardar silencio. José Bonifacio governou em bom tempo, quando havia *oposição de mudos*. A Constituinte ignorava que tinha o direito de—*agarrar pelas guéllas e arrastar o ministro pelos tapetes e deixal-o esmagado sob o pezo de seus erros, ou crimes*. (10)

Nas assembléas do parlamentarismo, a opposição não emmudece; sabe lutar e, muitas vezes, vencer, esmagando o contendor. Assim procederam as assembléas do segundo reinado, e da mesma sorte faria o Congresso republicano, si, no regimen presidencial, os ministros fôsem responsaveis pelo governo do Estado.

No seguinte *fragmento* falaremos das questões Alencar e Costa Barros, da discussão dos projectos de amnistia, de perdão, e da revogação do alvará de março de 1818.

EUNAPIO DEIRÓ.

(1) José Bonifacio, com as reminiscencias da Grecia antiga, esboçou um projecto de Constituição, em que — o poder legislativo se dividirá — pela Assembléa Geral, pelo syndicato, pelo archonte. O archon-

tado se compará do archonte-rei vitalicio e quatro consules, etc. (Vide o folheto *Patriarchas da Independencia*, pag. 91, pelo conselheiro Tristão d'Alencar Araripe, em 1876). Tal espirito, preocupado de coisas antigas, não podia ser um iniciador das idéas dos tempos modernos, que elle não comprehendia.

(2) Escreve um historiador nosso: — José Bonifacio era um despota que não escolhia os meios para conseguir os seus fins e mesmo destruir seus inimigos. A lisonja era o mais influente padrinho para este Andrada—Vide Mello Moraes, pae, *Braz. Hist.*

(3) *Diario da Ass. Const.* — sessão de 5, 6 de maio e segs.

(4) Vide o folheto *Os Patriarchas*, do cons. Tristão de Alencar Araripe.

(5) *Decreto da Regencia*, referendado pelo ministro Chichorro.

(6) Bagehot, *Const. of Engl.*

(7) Alguns historiadores calculam em 20 milhões de homens dos seus e dos exercitos inimigos, que Bonaparte matou nas batalhas.

(8) Lêde os *Tres grandes capitães da antiguidade*, pelo ex-deputado Cezar Zama. Mommsen, *Hist. de Roma; Vie de Cezar*, Napoleão III.

(9) Um volume da collecção de cartas dos Andradas, publicação da Bibliotheca Nacional.

(10) Palavras do senador e grande orador visconde de Jequitinhonha

SCIENCIA E INDUSTRIA

Fabricação do nitrato de cal—Grande descoberta scientifica e industrial. —A collaboração de dois sabios.

Essa descoberta, devida á collaboração de dois sabios da Noruega, o professor de Birkeland, e o engenheiro Eyde, constitúe, do duplo ponto de vista scientifico e industrial, um precioso recurso para a agricultura, resolvendo o problema, cuja solução era procurada, os receios provocados pela possibilidade do exgotamento dos nitratos naturaes, especialmente os do Chile.

E' sabido que os nitratos fornecem, quasi exclusivamente, o azoto indispensavel aos vegetaes, e elles se produzem na camada superficial da terra pela transformação dos detritos animaes e vegetaes, proveniente dos estrumes quasi sempre insufficientes para obter rendimentos apreciaveis, insufficiencia supprida pelo sulphato de amoniaco e, sobretudo, pelo nitrato de sódá do Chile, cujo consumo augmenta progressivamente nos paizes agricolas. As jazidas chilenas, porém, exploradas em grande escala, embóra sejam ainda consideraveis, seriam mais tarde exgotadas, o que infundia graves preocupações de futuro á agricultura mundial.

O novo estrume norueguez é uma garantia contra esses receios.

As experiencias, feitas por Birkeland e Eyde, de 1903 a 1905, em seus laboratorios, realizaram praticamente

as de Cavendish, de Perot, Coupier e de numerosos chimicos allemães e inglezes, que, de 1764 até hoje, se haviam dedicado a essa importante questão. Os concludentes resultados obtidos em 1905 permittiram constituir, em Christiania, a sociedade norueguesa do azoto, estabelecendo no principio desse anno a primeira usina de nitrato de cal impulsionada pelas cachoeiras de Notodden, com uma força de 300.000 cavallos, nas mais vantajosas condições economicas.

O estrume de Notodden, como é agóra conhecido, se fabrica com o ar, que nada custa, com o calcareo abundante, de minimo preço. A fabricação comprehende tres phases: em primeiro logar, o ar captado atravessa um forno electrico construido especialmente e de alta temperatura. Ao saírem do forno os compostos oxygenados do azoto, obtidos pelo arco electrico expendidos pela acção de poderosos electro-imans, se resfriam promptamente. Os vapores azoticos se condensam passando por fornos de granito, onde se encontram com um liquido que, como na experiencia de Cavendish, absorve o acido nitrico concentrado. Este, em uma terceira operação final, actúa o calcareo, dando, por concentração, nitrato de cal puro contendo 13,2% de azoto.

Os inventores do processo preferiram o nitrato de cal ao nitrato de sódá que poderiam obter de maneira analogá, porque este sómente fornece á vegetação o elemento fertilizante do azoto nitrico, ao passo que no outro todos os principios essenciaes véem em auxilio da planta, como valor nutritivo.

O estrume Notodden é apenas utilizado agóra na região scandinava, mas a Sociedade norueguesa fornecel-o-á, na proxima primavera, a todos os paizes notadamente á França, a preços que poderão fazer concorrência com o nitrato do Chile, cuja carestia é conhecida.

* *

Anesthesia espinal pelo dr. Meltzer. Inconvenientes do novo methodo. Perigos da cocaína. Declarações de Corning.

O medico americano Samuel Meltzer publicou um interessante estudo sobre o emprego do sal de Epsom ou sulphato de magnesia na anesthesia espinal.

Assentado o doente, com os cotovelos apoiados nos joelhos e o dorso descoberto, lavam-lhe e desinfectam-lhe completamente as costas: depois, um medico, em um ponto da vertebra inferior da espinha dorsal, enterra a agulha de uma seringa e extráe 60 gottas do fluido espinal; retirada a agulha, enche a seringa com 60 gottas de solução de cocaína, contendo pequena quantidade de substancia e in-

jecta a solução na cavidade espinal. Dentro de alguns minutos, o paciente experimenta torpor no meio do corpo, depois nas pernas e mais tarde nada sente. Esse estado dura meia hora,volvendo, então, lenta e gradualmente, á sensação normal.

Esse methodo de anesthesia é frequentemente empregado, mas tem grandes inconvenientes porque a cocaína, affectando o coração mais do que o chloroformio e o ether, pôde produzir accidentes graves. Por isso, o dr. Meltzer substituiu a cocaína pelo sulphato de magnesia, e as experiencias praticadas nos animaes mais visinhos do homem, como os macacos, deram notaveis resultados anestheticsos.

Affirma-se, em theoria, que o sulphato de magnesia produz convulsões; mas o dr. Meltzer affirma o contrario e allega que ellas se não produziriam em todos os casos por elle observados.

Apezar disso, a descoberta permanece no estado puramente experimental e indicada ao estudo e observação dos profissionaes.

O dr. Corning, auctor do methodo de anesthesia espinal, declara que o sulphato de magnesia pôde ser effizamente injectado como anesthesico, no canal espinal, sem produzir depressão do coração e das funcções respiratorias e accrescenta que, si este facto fôr definitivamente demonstrado, tirarão delle grandes proveitos a medicina e a cirurgia. Devemos recordar, entretanto, que, conforme a opinião de Hay, Recke e Curie, a injeccção do sulphato de magnesia nas veias determina, algumas vezes, symptommas de envenenamento acompanhados de perturbações cardiacas e respiratorias.

Do exposto se deve concluir que, sem estar condemnada, a descoberta do dr. Meltzer permanece ainda discutivel.

*
**

Lavagem da roupa em alto mar — Um novo sabão — Um pó fabricado na Inglaterra.

A lavagem da roupa em alto mar foi considerada até agóra impossivel, impondo isso aos viajantes grande provisão de camisas, collarinhos, e ás companhias de transporte maritimo quantidade, relativamente consideravel, de roupas de cama, toalhas, guardanapos, lavados em terra.

Uma fabrica de sabão acaba de inventar, na Inglaterra, um pó analogo ao sal de Pennés, o qual permite lavar, perfeitamente, toda a roupa em viagem.

As vantagens da nudez—A vida longa e sadia—As observações de viajantes na Africa — Observações nossas.

Lê-se no *Monthly Review* um interessante artigo de Frederic Boyle, sob o titulo *Selvagens e Roupas*, demonstrando os inconvenientes dos trajas civilizados para as raças habituadas á nudez, documentando essa opinião com varios elementos de prova, colhidas no testemunho de viajantes notaveis e nos relatorios officiaes dos governos da Africa Meridional.

Dessa demonstração se dedúzem argumentos valiosos para o retrocesso á natureza e o abandono dos habitos introduzidos pelos suppostos beneficos da civilisação.

Parece—diz o indicado escriptor—que, si a adopção de roupas prejudica a saúde dos kaffirs e perturbam o seu desenvolvimento, ella pôde, actualmente, exterminar povos menos robustos. As responsabilidades imputadas ao alcool devem ser, em grande parte, attribuidas aos phylantropos e ao commercio explorador dos tecidos para cobrirem a nudez dos indigenas.

Os homens nús padecem menos molestias do que os homens vestidos. A saúde robusta dos kaffirs explica a ausencia de creanças enfermas e decrepitas entre elles. Os hottentotes, que assimilaram os costumes europeus, desapareceram quasi nos vastos dominios da Colonia do Cabo. A medonha expansão da lepra na Africa Meridional deve ser attribuida ás roupas e outros habitos do homem branco.

Os kaffirs vivem muito. O ultimo censo da Colonia do Cabo regista trezentoscentenarios, sendo todos, menos dois, indigenas.

Outros povos privados do onus da roupa teem longa vida, especialmente os indios da America do Norte e do Sul. Tschudé affirma que a idade de 130 annos não é facto singular no Perú, conservando perfeita saúde e lucidez de espirito. No Mexico e no Perú, Humboldt se impressionou com o grande numero de indios macrobios, sendo alguns de incrivel antiguidade, especialmente mulheres. Baena, o chronista paraense, menciona o facto de uma cabocla de Mazagão com duzentos annos de idade, comprovada pelos registos da parochia fundada pelos primeiros occupantes portuguezes. Nas ruas de Belém do Pará, mendigava uma senhora Joanna Baptista de Campos, que vivia perfeitamente robusta de corpo e de espirito em 1884, e contava episodios da guerra de Cayena, na qual combateram dois filhos seus. Ella descrevia, com minuciosa perfeição, a primitiva topographia da cidade, as festas da chegada do sr. conde e da sra. condessa, que lhe era particularmente affeiçãoada.

As raças nús são incontestavel-

mente mais fortes do que as vestidas, sendo entre ellas normal a existencia de individuos eguaes aos nossos mais exercitados atletas.

O sr. Joseph Thompson descreveu os seus carregados zanzibares a conduzirem na cabeça 60 a 70 libras, levando a espingarda, subindo montanhas ingremes durante uma hora sem descanso, cantando e gritando.

A nudez tem extraordinario effeito curativo sobre as feridas. O bispo Mac-Dongal, que é medico, descreve a seguinte maravilha :

Depois do importante combate do *Rainbow* com os piratas de Lanun, um delles foi conduzido a bordo com golpe que lhe cortou uma calotte do craneo, que ficou pendente, preza pela pelle. O bispo examinou a ferida, levantou o pedaço de craneo e observou o cerebro; mas julgando o caso perdido, abandonou o ferido, recomendando, apenas, que lhe amarrassem a cabeça. Contemplando, depois, do seu camarote a refeição da tarde, viu o doente entre a tripolação comendo vagarosamente a sua racção de arroz. Quando os prisioneiros desembarcaram, o homem do craneo partido foi com elles, caminhando sem auxilio.

Essa volatilidade superabundante não se nota sómente entre os individuos temperantes; é tambem verificada entre os glutões e bebados que andam nús, sendo este habito, conforme a natureza, a mais essencial condição da força e da saúde. A natureza não nos deu, como aos outros animaes, coberturas. Preconceitos de pudor serão porventura chocados pelo suggestão de que devemos manter o traje do nosso pae Adão. A *toilette* de Eva é para as senhoras civilizadas uma monstruosidade, observada pelo prisma das convenções sociaes e dos melindres da hygiene moderna. Nós vestimos os nossos filhos creanças da cabeça aos pés; evitamos que apanhem sol, que se exponham ao vento e, por isso, quando elles saem de casa, os sobre-carregamos com toda a sorte de abrigos. Não consideramos que, alguns annos atraz, elles andaram com as pernas e pés nús e que, pouco a pouco, fomos infringindo as leis na natureza, apertando-lhes os pés em sapatos de lã, desde o berço, em meias, consideradas um adorno da gente fina, do qual as mães são muito zelosas. Entretanto, o sr. Thompson affirmou que a metade das perturbações morbidas da idade madura são devidas ao persistente abrigo dos pés na mocidade. Todas as partes do corpo soffrem pela privação da luz e do ar.

Entre alguns povos civilizados, se vêe propagando a observancia ás prescripções da natureza. Na therapia figuram a nudez dos pés e das pernas,

os banhos de luz e de ar em longas exposições com salutareos effectos.

Não será possível operar uma reforma radical nesses habitos deleterios da roupa excessiva; mas os hygienistas modernos manifestam uma tendencia regeneradora dos preceitos intuitivos da natureza, recommendando a diminuição progressiva das peças do traje como offensivos da saúde e favoráveis á aquisição de germens de contagio.

REMINISCENCIAS DA FRONTEIRA

NA MALOCA DO TUICHÁUA DO
CASTANHO

Pernoitámos no sopé dum cerro á margem direita do rio Jacaré, affluente do Castanho. Armámos as redes num umirysal. Aromas suavemente acres impregnavam o ambiente, exalando-se do oleo perfumado que reçumava da epiderme das preciosas arvores eutumecidas.

O Jacaré estava baixo, mas não era vadeavel. Tinha as suas nascentes proximas, numa alta rechã da vertente venezuelana da serra de Tapiirapecó, onde brotam, copiosos, grandes olheirões d'agua. Passava encachoeirado, despenhando-se, de cabeça em cabeça, rasgando implacavel os flancos da serra, precipitando-se pelas gargantas apertadas e salvando penedias, ora nús e dum negro de brilho metallico, ora vestidas de musgos esverdinhados. Tinha uns vinte metros de largura apenas. Os barrancos altos das margens eram alli talhados a prumo e alamborados além.

Os indios haviam lançado sobre aquelle abysmo uma ponte: o tronco de uma arvore, que tiuha o pé na margem onde nos achavamos e os galhos já mui apodrecidos e cobertos de parasitas, alguns despedaçados na quêda, fincados na argilla dura da riba opposta. Era uma pinguela, coberta de limo, sem guarda, nem corrimão. Não se podia transpor o rio sinão por ella. O primeiro que passou foi Aturre: parecia um bolateiro, agil e ligeiro. Seguiu-se-lhe João Antonio, o gaúcho, que levava a arma suspensa e tinha o passo mais firme do que nos dias de soldo. O Antonio Cearense fez da carabina—maromba, e, chegando ao meio, deu uns passos de dança, gritando para o camarada:

—Oh! palhaço, para quem váe esta sorte?

O Jardim passou tambem, meio vacillante a principio, depois firme e seguro. O indio estendeu-lhe a mão ao chegar á outra margem.

Fiquei para o fim, pensando no que ia fazer, emquanto os outros atravessavam o rio, que remoinhava furioso nos sorvedouros afunilados. Sempre tive aversão ás grandes alturas. Não obstante, já passei uma noite na ponta do Pão d'Assucar, subi ao pharol da Estatua da Liberdade de Bartholdi e andei por summidades que, si me não deram vertigens, me cauzaram contrariedades. Subia contrariado, sem que alguém a isso me obrigasse. Si estivesse só, não passaria talvez pela pinguela, como fizeram os meus quatro companheiros, que me esperavam na outra margem. Quem sabe si não me escarrancharia sobre ella? Alli, porém, era impossível; oito olhos miravam-me.

Tirei do bolso a minha pequena bussola e tomei o rumo do caminho com todo o cuidado, esperando paciente que a agulha, muito sensível, deixasse de oscillar e guardei-a. Abri a caderneta de serviço e fechei-a para aparar um lapis que me pendia do pescoço atado por um fio de barbante. Fiz um bosquejo meticoloso do logar. Escrevi na casa das observações umas notas bastante circumstanciadas de todos os accidentes topographicos. Guardei a caderneta na sua bolsa de pelle negra de guariba, que trazia a tiracollo. Puz a minha Winchester em bandoleira; piquei um pouco de fumo e fiz um cigarro. Para accendel-o, bati muitas vezes o isqueiro.

Nada mais me restava a fazer. Do outro lado, os companheiros esperavam-me e eu era o seu chefe. Tive medo que algum pensasse ser eu capaz de ter um só instante de hesitação e caminhei para a ponte resvaladiça e estreita, lembrando-me, naquelle momento, que muito peiores fôram os troncos porque passou o Cavalleiro Negro na ponte do Sallia com Hermengarda nos braços e ouvindo perto o alarido das mesnadas arabes. Naquelle tempo, nada me delectava mais do que a leitura dos livros de Alexandre Herculano. Passei tambem e o abysmo com as fauces escancaradas e brancas de escuma, parecia convidar-me. Parei bem no meio e tomei dois rumos, rio abaixo e acima, para illustrar melhor o meu bosquejo. Quando chegava á outra margem; o meu camarada, agarrado com a mão esquerda a um galho, estendia-me a outra, que recuzei muito de proposito. Sem que ninguem percebesse, dei um suspiro de allivio.

Duas horas depois, chegavamos á margem do Castanho. O sol estava quasi a pino. Na outra banda via-se a malóca sobre um socalco na falda do cerro do «Abio». Dir-se-ia abandonada, si não fôsem os ladridos furiosos de uns cães magros, de focinhos compridos e orelhas em pé, que, para chegarem mais perto de nós, se precipitavam

numa ubá amarrada a um ingaseiro por um grosso cipó-imbê. O Aturre gritava e conseguiu dominar a vóz da brava canzoada.

Assomou á porta do casarão um homem nú, apenas protegido por um *cuêio* escuro; tinha brincos nas orelhas, hombros de atleta, pescoço de touro, ventre de frade, braços de hercules e pernas finas de andarilho. Por detraz delle, appareciam cabeças curiosas, que não nos era possível, pela distancia, distinguir si de homens ou mulheres, tanto se parecem. A semelhança fez Orelhana tomar por amazonas os indios com que se houve na bocca do Nhamundá. Ouviu-se um assobio agudo, e a matilha inteira retirou-se obediente, de rabo abatido, mas rosnando e mostrando os dentes alvos. Acompanharam-no até ao porto um indio moço e dois *carumys*. Entrou só na ubá, desamarrou-a e, em poucas remadas, abicou ao nosso porto. Disse algumas palavras ao Aturre em lingua estranha, e dirigiu-se depois a mim, em *nheengatú*, apontando para a ubá:

—«Reiuruári igara opê ce renondê iação, çuaindápe ketê». (Embarca na canôa antes de mim e vamos para o outro lado.)

Era o pagé, genro do Tuicháua, medico e sacerdote da tribu, então já muito pequena, reduzida a algumas familias, apenas. Trocámos algumas palavras amistosias, bati-lhe affectuosamente nos largos hombros e embarcámos os seis na pequena embarcação. Aturre, na prôa, guiava-a, e os outros cinco, sentados no fundo, não se mexeram com medo de viral-a.

Nada de singular nem de notavel tinha a malóca. Era uma grande casa rectangular, coberta de folhas de palmeira, com paredes de barro, indicando já certo gráu de civilização, e duas portas: uma, para o rio; e outra, para a matta. Fechavam-nas tupés trançados de jacitára. As malócas dos indios verdadeiramente selvagens, que nunca estiveram em contacto com gente civilisada, são tapadas com palha e teem, geralmente, a fórmula de um cylindro, com uma só porta, encimado por altissimo cone, de vertice aberto para saída do fumo. Assim representa Viollet Le Duc as choupanas dos Pelasgos, na sua *Historia da habitação humana*, na peregrinação pelo mundo; de Epergos, o progresso; e de Doxi, a rotina sempre antipathica.

Ao lado e mais perto do rio, havia um tejupar baixo e sem paredes. O pagé indicou-m'o para nosso albergue. Emquanto o meu camarada armava as nossas redes e João Antonio varria o chão, o Aturre apanhava uns *sacays*, gravetos para accender fogo.

Fui com o Jardim até á grande malóca, onde morava toda a gente, desde

a familia do chefe até aos escravos e animaes domesticos : papagaios, araras, periquitos, mutuns, jacamins, caitetés, cachorros e tudo o que caçam e amansam os indios, que os denominam «xerimbabos», nome muito uzado na Amazonia pela gente civilisada. Do lado de dentro, junto á porta da frente, sentada numa rede de *merity*, com um curumy pallido e magro ao collo, estava uma india já madura, mas sympathica : era a mulher do chefe.

— «Ianê coêma». (Bom dia)—disse, ao entrar.

Ella e outras responderam :

— «Indané». (O mesmo para ti.)

Sentei-me junto á rede, num banquinho de páu, feito duma só peça, baixo, mas commodo pela curvatura do assento, muito pollido e decorado com uma grega, pintada de *carajuru e cumaty*,

A creança era seu filho, o caçúla. Tinha o ventre inchado e nas faces edemaciadas, liam-se os traços caracteristicos dos estragos da malaria. Todo soldado é, por necessidade, meio curandeiro. Tomei-lhe o pulso : tinha febre, que lhe accendia tambem os olhos. O pagé já o havia soprado, ao principio, para exorcizar o máu espirito e depois chupando-o no estomago, donde extraía, escamoteando habilmente, um bicho cabelludo, segundo elle, a *causa* da molestia.

— «Opaí ara opê, ce membira orekô tacúa, taitê.» Todos os dias, meu filho tem febre, coitadinho.—Dizia-me a mãe desconsolada e afflicta.—

— «Xamelém curi ixupê puçanga poranga retê.»

«Darei a elle um remedio muito bom».

Tinha sempre, nas minhas expedições, uma bôa provisão de pilulas, bem preparadas pelo bom velho Aguiar, o «kirimbau», o forte, como nós lhe chamavamos, por uma fórmula do Dantas, o illustre medico da commissão, meu bom amigo e compadre. Era uma e mistura de sulphato de quinina, opio genciana.

Seis dessas pilulas tinham um gramma do sal benefico. Esperaria que passasse o accesso para medicar o pobrezinho do curumy, que se mostrava bastante agitado.

A india, numa voz dolente, onde os suspiros de vez em quando interrompiam a toada monotonica e triste, cantava batendo-lhe docemente nas costas emmagrecidas, para ninal-o:

— «Acuty-purú, ipurú ixêbe ne repoci ce membira okeri arama.»

«Acuty-purú empresta-me teu somno para meu filho dormir.»

É dorminhoco o animalzinho a que dão esse nome, que é conhecido vulgarmente pelo de «rato de palmeira».

Relanceei o olhar pelo interior do casarão. Redes armadas das paredes para esteios fincados no chão formavam grupos, pelos quaes bem se podiam contar os membros de cada familia. Os filhos pequenos tinham as suas armadas por cima das maternas. De esteio a esteio, de distancia em distancia, estavam armados giráus de taboinhas de *pashiúba*, onde se viam paneiros com farinha e beijús para as longas excursões, *tipitys* novos, em que se expreme a massa da mandioca ralada, *uhicés*—ralos feitos de madeira cavada, com pontas de quartzo fortemente incrustadas na concavidade, *naturás* de taquara, pequenos *urús* onde guardam os indios o mais precioso, *urupemas* e *patuás*. Nos cantos, alguns remos de cabo curto e pá redonda.

Os canoeiros do Amazonas remam sentados.

No meio, fumegava, agonizando, um rescaldo com tições quasi apagados e muita cinza.

Ao redor, os xerimbabos misturavam-se com os curumys e as cunhatays.

Só havia mulheres. O tuicháua, com alguns dos poucos homens que ainda lhe restavam, tinha descido, na antevespera, o Castanho. Os outros estavam no matto caçando : ficaram o pagé e um escravo, de olho vasado.

Uma das indias tecia, num tear muito rudimentar, uma maqueira de *merity*. Outras descascavam raizes de mandioca que estiveram nos auturás, mergulhadas no igarapé proximo, para amollecere. Falavam baixo e numa lingua que eu não entendia, muito guttural. De vez em quando, lançavam-uos olhares curiosos, de soslaio. Todas tinham longos cabellos aparados na testa, como era moda, não ha muito tempo, entre as mais elegantes das mulheres civilisadas. Algumas eram apenas protegidas por pequenas tangas de missangas: eram as moças. As cazadas, entre ellas a tuicháua, uzavam uma *tipói*, especie de camisa curta, sem mangas, de algodão listrado, que havia de ter custado aos maridos, pelo menos, dois ou tres mezes de arduo trabalho e penosissimo serviço prestado a algum regatão audaz que subira ás cabeceiras do Siapa, em busca de salsaparrilha, fiado na bôa indole e na ignorancia daquella pobre gente.

Em quasi todas, pendiam das orelhas brincos triangulares de laminas de bico de tucano. Não se tatuavam. A pelle, meio encarquilhada nas velhas, era lisa e lustrosa nas outras. Tão pouco uzavam tembetás, porque não tinham o labio inferior furado. Não tingiam os cabellos de urucú e já eram meio civilisadas, porque falavam *nheengatú*, a bella e formosa lingua. Havia entre ellas uma jovem

escrava, que se distinguia por não a falar e ter a pelle mais escura.

Naquella epocha, 1882, havia muitos escravos indios no Amazonas, quer no brasileiro, quer nos territorios limitrophes. Conheci caçadores desses infelizes, que os vendiam por uma espingarda. O rio Uapés era o emporio onde se forneciam os habitantes do Rio Negro e a errante, desgraçada tribu dos «Macús», a maior tributaria do ignobil mercado. Em Venezuela, quando lá estive, só o homem civilisado era *racional*. Assim se distinguia do indio, que, em sua simpleza, lhe dava esse nome, como si não fôsse tambem homem. Pouco aproveitou a essa gente a celebre bulla humanitaria de Paulo III, reconhecendo-lhe o direito de fazer parte da humanidade.

O pagé fazia as honras da hospedagem o melhor que podia e lhe permitiam os seus magros recursos. Tinha sempre um sorriso nos labios grossos e sensuaes, e um ou outro raio de velhacaria brincava-lhe no olhar intelligente.

Deu-me informações da região, com os detalhes que todo o indio conhece bem. Depois que me retirei da malóca para o meu tejupar, elle não me deixou mais. Era um grande conversador e contava-me coisas tão peizadas, dando famosas risadas, que eu creio ter corado, apesar de muitos annos de acampamento.

O Aturre havia pescado uns mandys muitos gordos, que comemos, ao almoço, assados em espetos. O pagé fez-nos companhia. Antes, porém, foi á malóca e voltou com uma cuia cheia de batatas e fructos de popunha, muito saborosos. Comemos de cocóras. Para obsequial-o, tambem mandei abrir uma lata de sardinha e convidei-o. Soprou-a diversas vezes, apesar de fria, e preferiu, em voz baixa, como si rezasse, palavras inintelligiveis. Perguntei-lhe para que fazia assim. Respondeu que si o não fizesse, seria flechado pelo «Curupira».

Pedi-lhe fructas, levantou-se e, em pouco tempo, voltou com um ananaz, que tinha seguramente dois palmos de altura e quasi um de diametro. Não ha iguaes áquelle no mundo inteiro, tão tenros, doces e saborosos são.

— «Mahata semehin ixê arama ce cuiára?»—perguntou-me. (Que me das em troca?)

Os indios quasi nunca dão sem pedir. Como não conhecem o valor das coisas, fazem, ás vezes, exigencias absurdas. Foi o que aconteceu com o meu sympathico amphytrião, que apontou para a minha faca de matto, com cabo de prata cinzelada, quando lhe perguntei :

— «Maháta reputári?» (Que queeres?)

Fiz-me desentendido e dei-lhe o meu espelhinho de chumbo, fazendo que se mirasse.

Era a primeira vez. Foi curiosa a scena.

Parecia dar-lhe prazer aquella cara toda lampinha, parecida com a mesma que elle costumava ver tremulamente reproduzida na agua dos igarapés.

A principio, olhou friamente muito admirado; passou sorrateiramente a mão por detraz do espelhinho e olhou-me com ares desconfiados, porque não tinha agarrado a figura. Moveu a cabeça para a direita e para a esquerda, vendo a imagem fugir e afastar-se. Foi-se chegando até pôr o olho direito atraz do espelho e olhou-me outra vez.

Depois, pôl-o deante de si e piscava os olhos e punha a lingua de fóra e fazia caretas, dando gargalhadas gostosas.

—«Auátáha ahé?» perguntei-lhe, (Quem é?)

—«Ixê tehens». (Eu mesmo)—respondeu.

Ao anoitecer, fui á malóca ver o filhinho do tuicháua e achei-o sem febre. Dei-lhe quatro das pilulas do Dantas e ia retirar-me quando ouvi, como si o ar fôsse de seda e o rasgasse de alto a baixo, um grito estridente. A mãe do doentinho estremeceu e apertou-o ao seio e, cobrindo-lhe o rostinho com a mão esquerda, exclamou, assustada:

—«Iumára onhengari». (A iumára cantou).

Era a «rasga-mortalha» ave nocturna, cujo grito os indios acreditam presagiar a morte de alguém.

—«Inti recikié». (Não tenhas medo)—disse animando-a.

O tuicháua e a sua gente não haviam chegado até áquella hora. Só poderiam vir no dia seguinte.

Quando me retirei para o tejupar, o Jardim philosophava estirado na maqueira, fumando tranquillo o seu cigarro de palha com fumo de Goyaz e espantando de vez em quando os anophelis impertinentes, que por alli muito abundam.

Antes de deitar-me, chamei os dous soldados e recommendei-lhes, sob pena de rigoroso castigo, o maior respeito á malóca.

DIONYSIO CERQUEIRA

A LIVRARIA

MOCIDADE — versos do sr. Bruno Barbosa. — Rio de Janeiro.

Mocidade, — como se chama o volume de versos que publicou ultimamente o sr. Bruno Barbosa, — é bom titulo: elle vale por um prefacio, que nem sempre é inutil, de todo, a um livro.

No caso de que se trata, si o nome da obra não nos dissesse tudo, os versos nol-o diriam, mas com a imprecisão natural á linguagem dos deuses.

Vê-se, desde logo, percorrendo as paginas deste livro, que elle não é um fructo outonal; mas convém saber bem claramente que, pelo contrario, se trata das primicias da mocidade para lhe dar todo o valor.

Lendo-se hoje o sr. Bruno Barbosa, não se recebe a impressão de quem sente ter encontrado uma dessas creaturas que, na vida, ou hão de ser poetas ou nada. Seus versos são faceis e cantantes, revelam por vezes sentimento; mas representam o producto de uma imaginação ainda sem riqueza e sem notavel originalidade.

Nota-se o muito esforço que certas paginas custaram. Não faz mal, antes é preciso que este exista. Obra nenhuma superior já se produziu sobre a perna. Mas a arte consiste justamente em saber dissimular esse esforço.

Com isso, *Mocidade* não nos offerece ainda uma alma de clima bem definido, talvez pela obscuridade ou deficiencia com que nos conta a historia dessa alma.

Si não soubessemos que se trata de uma obra juvenil, concluiríamos que ella estava determinada pelo seu proprio indefinido, e o auctor, com ella; mas dado o caso como se dá, acha-se natural que um espirito em formação revele isso mesmo no que produz.

Sei que ha poetas que se apresentam feitos aos dezeseis annos. Em geral, porém, esses véem a ser uns mofinos litteratos depois, não avançam na proporção dos annos, e acontece mesmo, ás vezes, fanarem-se e fenecerem por completo na idade viril.

Outros, nebulosos e tacteantes nos seus primeiros ensaios, com a seiva da idade desabrocham vivazes e poderosos, distanciando-se a perder de vista desses companheiros caracteristicamente precoces. Tanto maior quanto já nos seus primeiros passos deixam entrever uma natureza complexa, — causa principal de se não poderem definir claramente desde logo.

Parece-me que é esse o caso do sr. Bruno Barbosa. Quem ler com attenção o seu livro notará indicios de que o auctor é capaz de ganhar legitima individualidade no futuro. Ella se afasta do lyrismo choramigas e chato, sem idéas, sem verdadeira vibração nenhuma que caracteriza o commum dos nossos estreates em verso. Revela-se-nos, além disso, de predilecções pouco banaes. De par com essas outras qualidades distinctas, ha em seu espirito ancia por amplos horizontes, e, com isso, um fundo de seriedade,

certos signaes de uma sã, de uma feliz organização moral.

Em *Quadro antigo*, *Humilhação*, *Torturado*, *A uma artista*, *Mors*, *Ancia infinita*, *Azul*, *Legionario romano*, *A torre*, *Pro patria*, encontrar-se-á ampla justificação do que eu digo.

Bem se póde dar que o iniciado de hoje nunca venha a ser um grande poeta no futuro; mas si souber querer, é difficil que se não affirme com superioridade nem que seja em outros horizontes.

Eu acho digna de ser considerada como uma estréa inteiramente sympathica e das que, na verdade, promettem, essa que o livro *Mocidade* representa.

NUNES VIDAL.

O ALMIRANTE (70)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

CAPITULO XXIII

— Sempre melhor, não é? — inquiriu a marquezia, chegando junto do leito do enfermo.

— Váe melhorando — respondeu Hortencia — Váe melhorando, consideravelmente. Estou anciosa pelo medico para confirmar as minhas observações.

— Tenho inveja de ti, Hortencia, da tua dedicação. O meu logar seria aqui, si os meus nervos não me tornassem uma creatura incapaz. Tenho inveja dessa abnegação a que Oscar váe dever a vida.

— Era o meu dever — murmurou Hortencia, com a voz entrecortada — E' por minha causa, por imprudencia minha que elle está soffrendo.

Oscar volveu-lhe um doce olhar commovido.

— Não vês que o mortificas? — observou a marquezia — Não fales mais nisso, um accidente de que ninguem foi culpado; um golpe da fatalidade, ao qual estamos todos expostos.

— Eu preferia ter morrido — tornou Hortencia — Não seria perseguida por este remorso torturante. Oh! eu daria tudo, seria capaz dos maiores sacrificios para me libertar dessa responsabilidade cruel... Perdôa-me, Oscar, perdôa-me.

Havia nessas palavras a erupção de uma grande magua, até então represada com extraordinaria energia.

— Tu poderias — disse a marquezia, em tom insinuante, medindo as palavras e fitando os olhos no rosto de Hortencia — compensar o mal que involuntariamente occasionaste...

— Como? — replicou a moça, vivamente.

— Ligando a tua vida, a tua sorte á de Oscar, consagrando-te, eternamente, a elle.

Hortencia recuou num movimento de perplexidade, atordoada pela insinuação da riqueza, como si não comprehendesse bem o sentido daquellas palavras.

— Como? Como será isso possível? — murmurou, vagueando o olhar inquieto da riqueza para Oscar, que a contemplava com um sorriso melancólico — Que devo eu fazer?

— Acabas de dizer que serias capaz de todos os sacrificios — continuou a riqueza no mesmo tom de meiguice. Pois bem: ha um meio de te libertares desse remorso, dessa responsabilidade, cuja intensidade tanto exaggeras.

— Sim, sou, sou capaz — affirmou Hortencia, ansiosa.

— Não deves, então, hesitar ante o que não é um sacrificio, um acto de bom senso que toda a gente approvava: ligares-te a Oscar pelo casamento...

— Cazar com elle?! — exclamou a moça, cortada de surpresa por essa solução que lhe não havia occorrido entre as muitas suggeridas pelo soffregio empenho de remir a sua falta.

Esse grito era um protesto do coração revoltado, era um brado de defeza de todas as aspirações, de todos os sonhos de moça que a realisação daquella proposta dispersaria, como um sopro funesto, desfazendo o ideal da sua phantasia, tanto tempo almejado, carinhosamente mantido até que as circumstancias permittissem corporizal-o em realidade venturosa. Ella e Sergio não tinham compromissos definitivos; nunca lhes escapára dos labios uma palavra que o affirmasse, uma dessas phrases banaes, ociosas, reveladoras do sentimento denunciado pela eloquencia dos fulgores das almas apaixonadas reflectidos no olhar. Elles se amavam com o ardente impulso de um affecto forte na sua espontaneidade empolgante, forte e commedido pelos poderosos meios de inibição de que ambos eram dotados. Elles se amavam com prudencia, conhecendo nitidamente a sua situação na sociedade, tendo um plano bem organizado, delineado os meios seguros de chegarem á ventura sonhada, á victoria de ambições legitimas. No primeiro estadio da carreira politica, no limiar da escada de Jacob, por onde ascenderia ao fastigio do renome, da gloria, da fortuna, seria uma imprudencia embarçar os seus meios de acção com os encargos de um casamento romantico, com a criação de uma familia — pensava Sergio — subordinando a formosa Hortencia, habituada ás maneiras da alta sociedade, á vida modesta de um lar obscurecido

pela mortificante penumbra da pobreza. Sobre esse grave assumpto do casamento, tinham os dois exhibido as suas idéas num accordo perfeito, em conversações despretenciosas, approvadas por d. Eugenia, com elogiosas referencias ao criterio de Sergio, moço mui correctamente orientado no inicio da sua vida publica, dirigindo os seus meios de acção com meticulosa segurança. O primeiro obstaculo estava vencido com a eleição para a Constituinte. O obscuro promotor de uma comarca do interior dispunha de talento para refulgir nas altas regiões. Isto, porém, não bastava: era indispensavel se apparellhar completamente para defrontar os accidentes do futuro.

— Que tem isso? — observou a riqueza, após instantes de pausa — Que ha nisso de extraordinario? Todos os dias estamos vendo casamento de conveniencia que, em geral, são os mais felizes. Além disso, tu não deves recusar essa alliança que, para sempre, garantiria o teu futuro. Insisto nisso por te querer muito, por dever de te aconselhar, aconselhar sómente: não desejo que te queixes de mim...

Os maguados olhos de Hortencia estavam presos ao de Oscar, nos quaes havia uma triste expressão de supplica. Elles a dominavam como uma seducção poderosa. Ella sentia faller-lhe a coragem para proferir cruelmente a recusa deante da creatura querida, levada por uma imprudencia infantil ao limiar da morte. E, como suggestão infernal, obumbrava o seu espirito a idéa de ser aquella alliança um acto de piedade, uma demonstração de reconhecimento, sem consequencias porque ella estava absolutamente segura da gravidade do estado de Oscar, acto que seria um sacrificio largamente compensado, justificado pelas circumstancias ineluctaveis a que a fatalidade a arrastára. Ella via derrocada e transformada num tumulo a barreira sinistra da pobreza e aberto amplo e luminoso o caminho á conquista desse ideal, a que ella se immolaria heroicamente. Esse combate foi interrompido pelo padre Paulo, que se aproximou lentamente.

— Está decidida; não é assim? — disse elle a Hortencia.

— Aconselhe-me, padre Paulo; diga-me o que devo fazer. Estou tão commovida — supplicou a moça.

— O meu conselho — acudiu o padre — é pela affirmativa, como já tive a honra de dizer á senhora riqueza. O casamento será um grande lenitivo para a excellente alma de Oscar.

— Ella não recusará — ajuntou a riqueza — Esta menina sempre teve muito juizo..

Hortencia vacillava quasi vencida. Os traços graciosos do seu rosto, real-

çados pela pallidez, se contrafram numa expressão de surpresa, de uma rigidez fria, contrastando com o arfar do ansioso seio.

— Vamos, minha filha — continuou a riqueza, animando-a — Será uma grande satisfação para Oscar... Não é?...

Oscar, de olhos febris fixados sempre no rosto de Hortencia, murmurou uma phrase inintelligivel e estendeu-lhe a mão, sobre a qual Hortencia, hypnotizada, num gesto lento de automatico, collocou a sua. O doente sorriu e tentou leval-a aos labios, ao passo que o padre Paulo, numa attitude mystica, erguendo os robustos braços, dava graças a Deus. A riqueza aproximou-se da moça, beijou-a na frente, alizou-lhe os cabellos em desordem com doces maneiras maternas e disse-lhe:

— Muito bem, minha querida. Não te arrependerás deste acto de abnegação. Eu t'o agradeço por mim, por elle, que te recompensará com dedicacção sem limites, com amor...

A esta palavra, que lhe echoou no coração como um brado de maldição, Hortencia caíu de joelhos e desafogou em copioso pranto a orvalhar as mãos de Oscar, profundamente abalado.

A riqueza saíu e voltou dentro de alguns momentos com d. Eugenia.

— Anda, minha amiga — disse ella, tambem excitada pela pungente scena — Abençoa tua filha, a nossa adorada Hortencia...

— Ella consente? — perguntou d. Eugenia, num tom em que se misturavam alegria e surpresa — Aceitas?..

— Sim — affirmou a moça, suspirando e movendo a cabeça com um largo gesto de resolução penosa.

E, entre os soluços que a sacudiam, ella ouviu a voz tenue de Oscar, que lhe balbuciava ao quido:

— Obrigado, obrigado, Hortencia...

(Continúa).

D'AQUI E D'ALLI

A indifferença do povo á ultima homenagem aos despojos de Pedro Americo, que agóra está cauzando surpresa, foi devida á imprensa diaria. Em outro paiz, seria devida ao proprio povo — si pudesse haver, sobre a face da Terra, um povo como o nosso. Aqui, no Brazil, para que o povo vibre, é preciso que lhe cheguem a buzina, ou outra qualquer coisa menos gritante e mais perfurante. E isso — ai de Pedro Americo — não fez a imprensa diaria, como compete ao seu intangivel papel de directora mais

proxima, mais poderosa, mais intima, da opinião publica.

Em compensação, levou cerca de dois mezes a buzinar, com um santo interesse e uma insondavel pena, a gloriosa agonia do general Mitre; mudou da secção respectiva para logar bem destacado, os telegrammas em que, num choro que desafiava todos os lenços, dizia, todas as manhãs e todas as tardes, aos seus leitores, que ora a febre do enfermo tinha descido um decimo, ora tinha subido outro.

Vimos, pois, com orgulho de civilizados commovidos, os prèlos rolaem (*gemem* deve ser mais proprio) a finados, chorando infinitamente o fim do grande patriota brasileiro, a quem o Brazil, sempre devendo, deve, por exemplo, tres enormes serviços, tres formidaveis façanhas: a gloria de cinco annos de guerra hedionda com o Paraguay; o ataque felicissimo de Curupaity; — e, sobretudo, a contestação acintosa do valor militar de Caxias, quando o Brazil, por milagre, festejava o centenario do seu unico general de terra.

Si Pedro Americo não mereceu da sua patria as lagrimas que a sua patria derramou, a inundar, em honra de um estrangeiro civilizado e grande, é porque nem sempre o Artista lançou sobre a téla façanhas como a de Curupaity...

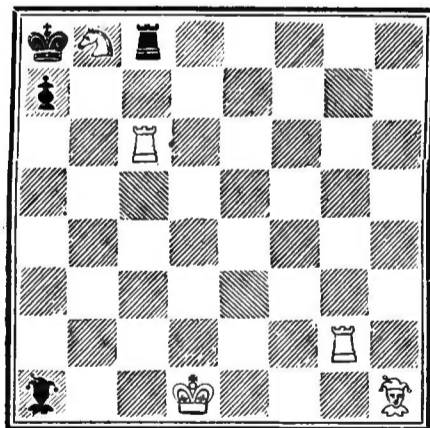
Pelo contrario, *Paz e Concordia!*

XADREZ

PROBLEMA N. 37

R. St. — G. Burke

PRETAS (4)



BRANCAS (5)

Mate em dois lances

PARTIDA N. 39

(Jogada no Club dos Diarios em 5 de fevereiro de 1906)

GAMBITO EVANS

Brancas Pretas

(Henrique Costa) (Q. Bocayuva Junior)

P 4 R	— 1 —	P 4 R
C 3 B R	— 2 —	C 3 B D
B 4 B	— 3 —	B 4 B
P 4 C D	— 4 —	B × P
P 3 B D	— 5 —	B 4 B D
P 4 D	— 6 —	P × P

Roque	— 7 —	C 3 B R ? (a)
P × P	— 8 —	B 3 C D
P 5 R !	— 9 —	P 4 D (b)
P × C	— 10 —	P × B
P 5 D	— 11 —	D × P B R (c)
T 1 R x (d)	— 12 —	C 2 R
B 5 C	— 13 —	D × T
B × C	— 14 —	R 2 D
D 4 T D x	— 15 —	P 3 B D
P × P x	— 16 —	P × P
D 1 D x	— 17 —	R 2 B
D 6 D x	— 18 —	R 2 C
C 5 R	— 19 —	D 7 C
D × P B D x	— 20 —	R 3 T
D × P B D x	— 21 —	D 4 C
D × P B R	— 22 —	B 2 C ? (e)
C 3 B D	— 23 —	B × P B R x
D × B	— 24 —	D 3 C
B 5 B D	— 25 —	T R 1 B R
B × D (f)	— 26 —	T × D
B × T	— 27 —	abandonam.

(a) Erro abominavel. Como é que ha quem se lembre de semelhante defeza no Evans?

(b) Este seguimento ainda agrava a situação das Pretas. A partida está virtualmente perdida. Antes 9... C 5 R.

(c) Este lance não é bom; mas nesta situação ha um lance bom? Si 11... C 1 C; 12 — T 1 R x, R 1 B !; 13 — P × P, R × P; 14 — B 2 T x, etc.

(d) 12 — P × C assegura desde já o ganho da peça, porque si 12... D × T; 13 — T 1 R x, B 3 R (si 13... R 1 B, mate em dois lances); 14 — T × B x, P × T; 15 — D 7 D x, R 1 B; 16 — B 3 T x, R 1 C; 17 — D × P mate. E si depois de 12 — P × C, as Pretas rocassem, esperando tomar a torre opportunamente, as Brancas ainda manteriam a peça, jogando 13 — B 3 T, D × T; 14 — B × T e o R preto não pôde tomar o B por causa do mate.

(e) Este lance determina o sacrificio de uma peça para evitar a perda da D ou o mate.

(f) Para que? 26 — D 4 D é muito mais simples. Partida esta errada de um lado e frouxa do outro. Quando não estão comprometidos em torneio, nossos amadores não tratam o xadrez como elle merece.

O bello problema que no numero passado publicámos e que tão apreciado foi pelos nossos leitores, é de Annibal da Costa Pereira, cujos nomes finaes saíram trocados por um descuido typographico.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 35 (*Annibal da Costa Pereira*): D 1 T D.

JOSÉ GETULIO.

O ORVALHO

Sobre uma rosa entreaberta
Que desperta
A' luz que raiando vem,
Tomba uma gotta de orvalho,
Treme o galho,
Treme o galho e a flôr tambem.

E a rosa inclinando a coma,
Solta aroma,
Aroma de embriagar;
Emquanto o orvalho indeciso,
Num sorriso
Procura um beijo lhe dar...

Vendo a rosa com malicia
Tal caricia,
Volve rosto e o orvalho cõe;

Como lagrima sentida,
Já sem vida,
Rola por terra e se esvae.

Notando, após, a traídora
Quanto fôra
Ingrata mesmo e cruel,
Profere incauta, saudosa,
Melindrosa,
Curvando a frente revel:

—Um placido amor quizeste,
Mas tiveste
O virus do meu rancor:
Por onde enlevada eu vejo
Do desejo
Nascer a soturna dôr.

E o orvalho escutando a rosa,
silenciosa
No seu risonho falar,
Resurge do pó da nava
Que o encerrava,
Dizendo-lhe a soluçar:

— Não me lamentos a sorte
Pois a morte
Desvenda arcanos de Deus...
Dou-te os meus sonhos, querida,
Dou-te a vida
Só por um beijo dos teus!

E sumiu-se a gotta d'agua
Que de magua
Deixára a rosa a chorar;
Emquanto a brisa murmura
Com ternura:
—Viver... e depois amar...

IGNACIO RAPOSO.

1906.

VERSOS

Parlavam numa roda alguns senhores
— capitalistas, medicos de fama,
quando passou por ella certa dama
num passo senhoril de pisar flores.

E sorriu para o grupo em cujo meio
tambem se via um misero poeta,
que numa roda assim fina e selecta
se entrava, entrava sempre com receio.

Coraram todos ao sorriso claro,
suppondo cada qual, cheio de entono,
cabem-lhe a distincção de ser o dono
daquelle mimo precioso e raro.

Não se lembrou nenhum do trovador
— o mais humilde ali da roda austera,
e mesmo porque o misero não era
nem homem de dinheiro e nem doutor.

Entretanto, a fidalga distincção
— que toda aquella roda poz captiva,
pertencia ao poeta, a quem a diva
mandava num sorriso o coração.

Minas, 06

BELMIRO BRAGA.